

m 059

ACÇÃO CATHOLICA BRASILEIRA

Mandamento dos Arcebispos e Bispos do Brasil

Correspondendo aos desejos paternaes e elevados propositos de S. Santidade o Papa Pio XI, que, por toda a parte, quer se organize a Acção Catholica, de maneira efficiente e, quanto possivel, uniforme, Nós, Arcebispos e Bispos do Brasil, havemos por bem promulgar, cada um para a propria diocese, os presentes Estatutos da Acção Catholica Brasileira, já revistos e abençoados pela Santa Sé.

Portanto, para a maior gloria de Deus, salvação das almas e bem espiritual de nossa patria, ao mesmo tempo que os damos por promulgados, mandamos igualmente que, de accordo com estes Estatutos Geraes, em todas as dioceses e parochias do territorio nacional, seja, quanto antes, organizada a Acção Catholica Brasileira.

Rio de Janeiro, aos 9 de Junho, festa de Pentecostes, 1935.

Sebastião, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Augusto, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil.

José, Arcebispo Bispo de S. Carlos

Santino, Arcebispo de Maceió

Duarte, Arcebispo de S. Paulo

João, Arcebispo de Porto Alegre

Adaucto, Arcebispo de Parahyba

Manoel, Arcebispo de Fortaleza

Francisco, Arcebispo de Cuyabá

Miguel, Arcebispo de Olinda e Recife

Helvecio, Arcebispo de Marianna

Antonio, Arcebispo Bispo de Jaboticabal

Octaviano, Arcebispo de S. Luiz do Maranhão

Antonio, Arcebispo de Curityba

Joaquim, Arcebispo de Florianopolis

Antonio, Arcebispo de Belém do Pará

Emmanuel, Arcebispo de Goyaz

Seraphim, Arcebispo de Diamantina

João, Bispo de Montes Claros
Alberto, Bispo de Ribeirão Preto
João, Bispo de Campanha
Epaminondas, Bispo de Taubaté
Hermeto, Bispo de Urugayana
José, Bispo de Aracaju'
Francisco, Bispo de Campinas
Manoel, Bispo de Garanhuns
Luiz, Bispo de S. Luiz de Cáceres
José, Bispo de Sobral
Octavio, Bispo de Pouso Alegre
Jonas, Bispo de Penedo
Antonio, Bispo de Assis
José, Bispo de Bragança
Ricardo, Bispo de Nazareth
Ranulpho, Bispo de Guaxupé
Manoel, Bispo de Aterrado
Joaquim, Bispo de Pelotas
Attico, Bispo de Cafelandia
José, Bispo de Nictheroy
Severino, Bispo de Piauhy
José, Bispo de Caratinga
Justino, Bispo de Juiz de Fóra
José, Bispo de Sorocaba
Carlos, Bispo de Botucatu'
Basilio, Bispo de Manaos
Henrique, Bispo de Campos
André, Bispo de Valença
Guilherme, Bispo da Barra do Pirahy
Juvencio, Bispo de Caetité
Fernando, Bispo de Jacarézinho
Adalberto, Bispo de Pesqueira
Eduardo, Bispo de Ilhéos
Pío, Bispo de Joinville
Marcolino, Bispo de Nataí
Luiz, Bispo de Uberaba
Daniel, Bispo de Lages
Antonio, Bispo de Ponta Grossa
Lafayette, Bispo de Rio Preto
Antonio, Bispo de Santa Maria
Francisco, Bispo do Crato

Luiz, Bispo do Espirito Santo

Idilio, Bispo de Petrolina

Vicente, Bispo de Corumbá

João, Bispo de Cajazeiras

Amando, Prelado de S. Peregrino Latioso

Innocencio, Prelado de Bom Jesus de Gurguela

Sebastião, Prelado de Concelção do Araguaya

Emiliano, Prelado de S. José de Grajahu'

Florentino, Prelado de S. José de Tocantins

Monsenhor Pedro Massa, Administrador Ap. do Rio Negro e de Porto Velho.

Monsenhor João Baptista Gouturon, Adm. Ap. do Registro de Araguaya

Monsenhor Guilherme Maria Thiletz, Adm. Ap. de Foz do Iguassu'

Monsenhor Francisco M. Richard, Adm. Ap. de Guamá

Fr. Eliseu Van De Weyer, Adm. Ap. de Paracatu'

Monsenhor Francisco Rey, Adm. Ap. de Guajará Mirim

Fr. Germano Vega, Adm. Ap. de Sant'Anna de Jatahy

Fr. Gregorio Allonzo, Adm. Ap. de Marajó

Monsenhor João Du Dréneuf, Adm. Ap. de Diamantino

Fr. Ignacio Martinez, Adm. Ap. de Labrea

Fr. Evangelista de Cefalonia, Prefeito Ap. do Alto Solimões.

Monsenhor Miguel Alfredo Barata, Prefeito Ap. de Tefê.

ESTATUTOS DA ACÇÃO CATHOLICA BRASILEIRA

I

NATUREZA E FINS

Art. 1º — A Acção Catholica Brasileira é a participação organizada do laicato catholico do Brasil no apostolado hierarchico, para a diffusão e actuação dos principios catholicos na vida individual, familiar e social.

a) — Como fim ultimo, visa a A. C. no dizer do Santo Padre Pio XI, "dilatara e consolidar o reino de Jesus Christo".

b) — Como fins proximos: a formação e o apostolado dos catholicos leigos.

Art. 2º — Para alcançar os seus fins, a A. C. B. propõe: 1) reunir em organizações proprias, de caracter nacional, diocesano e

parochial, os homens, as senhoras, a juventude masculina e feminina;
2) coordenar todas as associações e obras catholicas existentes.

Art. 3º — A A. C. B. está sob a immediata dependencia da hierarchia e exerce as suas actividades fóra e acima de toda e qualquer organização ou influencia de politica partidaria.

Art. 4º — A A. C. B. é consagrada ao Coração Eucharistico de Jesus e fica sob a protecção de N. Senhora da Conceição Aparecida, de S. José, S. Pedro de Alcantara e dos Bemaventurados Martyres Ignacio de Azevedo e seus companheiros.

II

DAS ORGANIZAÇÕES FUNDAMENTAES DA A. C. B.

Art 5.º — Individualmente os catholicos brasileiros só fazem parte da A. C., quando inscriptos em uma das seguintes organizações, consideradas como basicas e fundamentaes: a) Homens da A. C. (H. A. C.), para os maiores de 30 annos e os casados de qualquer idade; b) Liga Feminina da Accção Catholica (L. F. A. C.), para as maiores de 30 annos e as casadas de qualquer idade; c) Juventude Catholica Brasileira (J. C. B.), para moços de 14 a 30 annos; d) Juventude Feminina Catholica (J. F. C.) para moças de 14 a 30 annos.

A's associadas da Juventude Feminina Catholica, logo que atinjam a idade de 25 annos, é facultada a passagem para a Liga Feminina de Accção Catholica; aos 30 annos completos, é obrigatoria.

Nada impede que na Juventude Catholica Brasileira e na Juventude Feminina, para o exercicio de funcções technicas, organização de quadros, circulos de estudo, por exemplo, sejam aproveitados socios da H. A. C. e da L. F. A. C. Nada impediria igualmente que, em caso de necessidade, possam os dirigentes continuar na J. C. B. e J. F. C. até o limite de 35 annos de idade.

Sem prejuizo da unidade de orientação, a Juventude Catholica comprehende tambem os seguintes sectores: a) Benjamins da A. C., para menores de 8 a 12 annos; b) Aspirantes da J. C., para os de 12 a 14 annos.

Art. 5º — Individualmente os catholicos brasileiros só fazem Juventude Estudante C (J. E. C.); para a mocidade do curso secundario; b) Juventude Universitaria C. (J. U. C.), só para universitarios, onde seja possivel. c) Juventude Operaria C. (J. O. C.), para a mocidade operaria.

Logo que seja possível, a J. U. C. e a J. O. C. passarão a funcionar independentemente da Juventude Catholica, constituindo assim organizações fundamentaes da A. C. B.

Art. 7º — Em regra geral, os socios serão inscriptos nas organizações da A. C. pelas directorias locais; nada impede, comtudo, que, nos primeiros tempos, tambem os Conselhos Diocesanos o façam.

Art. 8º — Para a inscrição em qualquer das suas organizações, exige a A. C.: 1) vida exemplar; 2) pratica dos sacramentos; 3) acceitação prévia dos programmas da A. C. e da respectiva organização; 4) pagamento de pequena taxa annual, a ser fixada pelos Conselhos Diocesanos, com audiencia do Conselho Nacional.

Art. 9º — As directorias das organizações fundamentaes da A. C. serão compostas do assistente ecclesiastico, presidente, secretario e thesoureiro, com mandato de tres annos.

As directorias diocesanas serão nomeadas pelo Exmo. Bispo, e as parochiaes pelos vigarios, com approvação do Ordinario. As directorias nacionaes serão nomeadas pela Commissão Episcopal de Acção Catholica.

Art. 10 — Ainda que inscriptos na A. C. B., em regra geral, não devem participar das directorias os catholicos que na vida dos partidos politicos, na sua propaganda e imprensa, exerçam funcções em que possam influir ou dar apparencias de influirem nas decisões da A. C.

Art. 11 — Individualmente, não como representantes da A. C., podem os seus socios filiar-se a qualquer partido politico que, nada contendo, em seus programmas e actividades, de contrario ás leis de Deus e da sua Igreja, dê ainda a necessaria garantia de respeitá-las.

Art. 12 — Além de sua completa informação nos principios e normas geraes da A. C. B., todas as suas organizações serão regidas por estatutos e regulamentos approvados pela Commissão Episcopal.

III

A COORDENAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES E OBRAS CATHOLICAS

Art. 13 — Fica estabelecida em todas as dioceses a Confederação das Associações Catholicas que tem por fim unir e coordenar, para objectivos geraes da A. C., todas as associações e obras catholicas existentes, as quaes, sem prejuizo de sua autonomia e actividades

particulares, são desde já consideradas como associações ou obras adherentes da A. C. B.

Art. 14 — As Confederações Diocesanas — em duas secções distinctas, masculina e feminina — serão presididas pelo Exmo. Sr. Bispo ou seu representante, preferivelmente, o vigário geral, assistido por um Conselho Superior, cuja maioria será occupada na secção masculina, pelo proprio Conselho Diocesano da A. C.; e, na feminina, pelas directorias diocesanas da Liga Feminina da A. C. e da Juventude Feminina.

Art. 15 — As Confederações reger-se-hão por estatutos approvados pelos respectivos bispos, dentro dos principios e normas geraes da A. C. B.

Art. 16 — As obras organizadas em federações nacionaes ou diocesanas com fins especiaes (professores, escoteiros, congregações mariannas, etc.) farão parte da 'Confederação das Associações Catholicas, através dos centros locais e dos órgãos ou conselhos superiores.

Art. 17 — Os membros das associações aggregadas ás Confederações Catholicas serão encaminhados a se inscreverem individualmente numa das organizações fundamentaes da A. C. B.

Art. 18 — Para a unidade de orientação e a efficiencia dos movimentos de caracter nacional, as Confederações Diocesanas, unidas e colligadas entre si, formam a Confederação Catholica Brasileira, que, sob a direcção do Conselho Nacional da A. C. terá a sua séde no Rio de Janeiro.

IV

DOS ORGÃOS DIRECTORES E COORDENADORES DA A. C. B.

Art. 19 — Na união das organizações fundamentaes e das associações confederadas consiste o quadro official da A. C. B.

Art. 20 — Conservando plena autonomia em seus fins especificos, não só as organizações fundamentaes da A. C., como todas as confederações e suas associações, são colligadas no que diz com os objectivos geraes da A. C. Dahí a necessidade dos órgãos coordenadores, de que tratam os artigos seguintes.

Art. 21 — Comissão Episcopal de A. C. "Participação no apostolado hierarchico", é obvio que da hierarchia recebe a A. C. o mandato e as directrizes. Assim, em nome do episcopado que lhe delega os poderes, á Comissão Episcopal, composta de cinco membros, cabem a alta direcção e o "controle" geral da A. C. B. Ao arce-

bispo do Rio de Janeiro, por commum accordo do episcopado, compete represental-o e resolver nos casos communs e urgentes

Art. 22 — Junta Nacional da A. C. — A' Junta N. da A. C., constituida do assistente ecclesiastico, do presidente, secretario e thesoureiro, nomeados por tres annos, pela Commissão Episcopal, compete: a) presidir, sob a dependencia da Commissão Episcopal, o Conselho Nacional da A. C. B. da qual é, por natureza, o aparelho director; b) executar as directrizes e resoluções que o episcopado assentar, através da Commissão Episcopal, da qual é orgão executivo; c) acompanhar, estimular e coordenar as actividades da A. C., por meio dos Conselhos Diocesanos e Parochiaes.

Art. 23 — Conselho Nacional da A. C. B. — O C. N. da A. C. B. será constituido dos assistentes ecclesiasticos, presidentes, secretarios e thesoureiros nacionaes das organizações fundamentaes e da Confederação, mais quatro ou seis membros, residentes no Rio de Janeiro ou dioceses proximas, nomeados pela Commissão Episcopal, com mandato de tres annos.

Ao Conselho Nacional compete auxiliar a Junta Nacional no desempenho de suas attribuições, principalmente no que diz com a coordenação e disciplina de todas as obras de acção catholica.

Art. 24 — Juntas e Conselhos Diocesanos — Aos Conselhos Diocesanos, constituidos dos assistentes ecclesiasticos, presidentes, secretarios e thesoureiros diocesanos das organizações fundamentaes da A. C. e da Confederação das Associações Catholicas, aos quaes os respectivos bispos, poderão accrescentar mais alguns membros, competem, dentro dos limites da diocese, as mesmas attribuições do Conselho Nacional. Dentre os seus membros, o Exmo. Bispo escolherá um assistente ecclesiastico, um presidente, secretario e thesoureiro, com mandato de tres annos, que formarão a mesa directora ou Junta Diocesana da A. C., com funcções analogas ás da Junta Nacional (art. 22).

Art. 25 — Conselhos Provinciaes — Aos Conselhos Provinciaes, na séde metropolitana, se, a bem da unidade, coordenação e efficiencia da A. C. em toda a região, os respectivos metropolitans e seus suffraganeos o quizerem estabelecer, competem, dentro da provincia ecclesiastica, as mesmas attribuições dos Conselhos Diocesanos, para assumptos de interesse geral da provincia.

(Dos Conselhos Provinciaes, que serão constituidos como os Diocesanos, farão parte representantes de todas as dioceses.)

Art. 26 — Conselhos Parochiaes — Aos Conselhos Parochiaes, constituidos dos presidentes, secretarios e thesoureiros de todas as as-

sociedades catholicas (nãõ exceptuadas as associações simplesmente religiosas e outras especializadas) que tenham sêde no territorio da parochia e, eventualmente, mais algumas pessoas, designadas pelo parochio, cabe, sob a sua direcção ou de sacerdote delegado pelo ordinario; a) estimular o apostolado do laicato catholico, coordenando as actividades das diversas organizações; b) urgir e executar, através das respectivas associações, os planos e directrizes dos orgãos superiores da A. C.

ARTE CHRISTÃ

TRISTÃO DE ATHAYDE

Publicamos, neste numero, uma pagina para a qual não posso deixar de attrahir de modo todo particular a attenção dos nossos leitores. E' o prefacio de Octavio de Faria ás suas tres tragedias "A sombra da Cruz"; Yokanaan, Pilatos e Judas.

No dia em que o publico conhecer o itinerario espiritual dessa singular figura da nossa intelligencia moça — verá como os dramas "à sombra da Cruz" se succedem de geração em geração, pois o Christo não foi crucificado apenas no dia de seu martyrio ha 1900 annos, mas continúa a sel-o cada dia, como cada dia cae sobre os hombros dos seus discipulos o peso suave de Sua cruz.

A estréa de Octavio de Faria ha 4 annos foi para o nosso mundo intellectual uma dessas revelações inesperadas e fulminantes, sem que nenhuma especie de publicidade literaria, dessa em que são habeis tantos autores e editores, preparasse de qualquer fórma o ambiente para recebel-a.

Esse moço de vinte annos apparecia na arena das letras, armado em cavalleiro, com um livro "Machiavel e o Brasil", da mais intensa originalidade; tomando como thema "o Brasil" e não seu coração, como se faz geralmente em sua idade; totalmente desprovido de qualquer preocupação de adorno literario, e marcando nitidamente a sua posição reaccionaria contra o ambiente politico sentimental da nossa democracia.

Pouco depois, confirmava largamente todas as esperanças despertadas pelo seu livro de estréa, nessa outra obra impressionante, "Destino do socialismo", de 1933, em que luminosamente demonstrava o erro corrente, em tantos meios, da marcha inevitavel do mundo moderno ao socialismo.

Esses dois livros de um quasi adolescente, mal egresso da Faculdade de Direito, revelaram ao Brasil um valor humano desconhecido, que vinha dar á nova geração uma voz inconfundivel. Tanto em

um como em outro repontava o traço característico da mocidade nova: o interesse social e político. Os ídolos do tempo eram em ambos impiedosamente flagellados. E o quadro nacional apresentado em cores sombrias, que exigiam os remédios mais violentos.

Já o thema político desses livros marcava, vivamente, a gravidade precoce de uma alma que era mais do que o symbolo de uma geração, embora exprimisse também, de modo evidente, o contraste entre a psychologia dos novos de hoje e a dos de ha vinte annos atrás. E o estylo, despojado e directo, a faculdade de affirmar e de condemnar, a visão pessoal dos problemas sociaes e politicos, mostravam á evidencia que o clima intellectual era outro.

De minha convivencia de quinze annos, de 1918 até hoje, com a literatura brasileira, nenhuma estréa em prosa marcou, a meu ver, tão nitidamente o espirito de uma nova geração, como essa de Octavio de Faria, — a que vinha no dominio da poesia corresponder, noutro registro totalmente distincto, mas tão imprevisto e revelador como esse, a estréa poetica de Augusto Frederico Schmidt.

Publicados esses dois livros politico-sociaes, que espalharam seu nome rapidamente pelo Brasil inteiro, voltou Octavio de Faria á sua inclinação literaria, á critica aguda e pessoal, que dividia um pouco ao acaso, pelas revistas literarias. Um temperamento inamolgavel, um espirito critico exasperado e uma impossibilidade dolorosa de adaptação á mediocridade ambiente, tolhiam a esse joven publicista politico-social a possibilidade de levar ao terreno da acção immediata a sua doutrina politica de activismo e de reacção.

Voltou á intelligencia pura, ás letras, á poesia, á leitura incansavel dos modernos, que saturavam o seu espirito de diletantismo intellectual, sem que conseguissem porém attingir ao cerne moral inabalavel, ao "sangue christão", que corria em suas veias incandescentes.

Os artigos publicados, entretanto, não constituem senão as ondas, quebradas exteriormente, de uma immensa resaca interior, que agitava as aguas profundas de um oceano de inquietação e de procura da verdade. Livros inteiros ainda ineditos, de auto-biographia, como "A morte de um Burguez", ou "Sangue Christão", alguns nem sequer annunciados nos seus outros livros, ainda a apparecerem — dirão algum dia quiçá aos seus leitores, a tortura dolorosa, o caminho difficil de uma alma, a ascensão espiritual de um espirito, que mantendo em face da farandula moderna a attitude superior e desdenhosa do homem das montanhas, vinha participando mais intensamente que outro qualquer, do drama intellectual, moral e social do mundo moderno, pelas mãos de um Nietzsche ou de um Gide.

Nietzsche o levava ao desengano de todas as fórmulas salvadoras da sociedade pela massa, pelo voto, pela democracia numerica e eleitoral. E communicou-lhe a fé no homem forte, no homem "palmeira", que sabe viver nas alturas e desdenhar os rebanhos.

Gide, no terreno literario, levava-o ao amor de todas as aventuras intellectuaes, ao fervor de viver em si, não egoisticamente, mas soffredoramente, a agitação de todas as attitudes humanas. Dahi, a febre de leitura, de peregrinações mentaes, de participação profunda em todas as pesquisas do espirito.

E não só com o primeiro mestre, mais antigo, mas ainda com o segundo, mais recente, — o desdem pelo sentimentalismo, tanto politico como literario, o amor pelo ascetismo da acção e da intelligencia.

Foi nesse deserto, de uma alma asperamente batida pelos ventos mais desencontrados deste mundo moderno em revolução permanente, que a Cruz nasceu. A Cruz, em sua nudez, em sua pureza, em sua expressão mais ardente de esquatejamento e de martyrio. A Cruz, não apenas nua como depois da Descida, como depois da Resurreição, como depois da Ascensão. Mas a Cruz, com o Christo nella pregado, com o Filho do Homem sangrando e soffrendo para a Redempção do Mundo e de cada filho do mundo.

A Cruz nasceu nesse coração crestado e soffrido, nesse espirito povoado de desenganos, nesse aniquillamento de toda a complexidade moderna. Nasceu por um trabalho interior de despojamento e de desillusões, a que elle mesmo allude nessas paginas extraordinarias com que hoje temos a ventura de abrir o nosso numero deste mez do Coração de Jesus, Coração que na Cruz foi alanceado para todo e sempre, para nos levar de novo á patria perdida, pelo erro e pelo peccado.

Este prefacio inedito será, para muita gente, uma nova revelação. Esse joven de vinte e poucos annos, que estreou como doutrinario politico e como sociologo; que passou a se occupar exclusivamente com as letras puras, surge inopinadamente (pois o publico ignora o seu drama pirandellano, dos estados limitrophes da loucura no ser humano), não apenas como um dramaturgo, mas como um evocador sombrio do drama essencial da humanidade, em suas figuras directamente ligadas ao Centro de toda a historia do universo, no Calvario. Em torno da Cruz, dessa Cruz do Verbo martyrizado, que nasceu nesse coração agreste e solitario, depois que as areias cobriram nelle mundo antigo e a aurora da nova humanidade, cuja redempção veiu e toda a vegetação "humana, humana demais", em torno della se levantam as tres figuras grandiosas e simples que annunciam o fim do

sangue do Justo tornar possível; João, o que resistiu a Salomé e anunciou o Christo; Pilatos, o titubeante, o escravo da multidão, que entregou o Christo á Cruz e Judas que trahiu o Christo e, mais do que isso, desesperou da Sua misericórdia.

No prefacio, que publicamos, mostra Octavio de Faria o extranho silencio dos grandes espiritos da literatura universal, em relação ás maiores situações dramaticas da humanidade, a esse drama supremo da Redempção, que é o mais tremendo dos encontros do homem e de Deus, na historia do tempo. Esse silencio, a meu ver, só é explicavel pela propria grandeza do thema. Recuaram deante d'elle, todos os que se aventuraram a tratar dos mais variados themas, religiosos, heroicos ou mythologicos. E' que a atmospheria do Calvario atemorisa aos mais affeitos e exige um coração humilde e despojado de tudo o que seja vaidade e pretensão da natureza humana, privada da graça divina.

Rompeu-se agora esse silencio literario quasi absoluto. Nos tres dramas de Octavio de Faria, que opportunamente publicaremos, os themas tremendos se apresentam como é preciso apresental-os, isto é, — na sua extrema simplicidade, reduzidos aos elementos mais simples e nús do dialogo, sem considerações superfluas, sem variantes aventurosas e vasados nessa linguagem concreta, vivida, popular, que é a lingua corrente dos Evangelhos, pois é a lingua da verdade e do povo.

E no prefacio que hoje publicamos, e que é sem duvida uma das paginas mais expressivas e profundas que conta a nossa literatura, vemos interpretados esses tres dramas em seu authentico significado historico, nesse momento supremo, para a humanidade, em que a Cruz de Christo é plantada no centro dos tempos.

Não se trata, como se vê dessa introdução, de uma simples tentativa de dramatizar um thema religioso, para effeitos literarios, como ha pouco se via no famoso "Theatro Escola", cujo director, depois de dar (ou de endossar...) no anno passado uma peça immoralissima, em que se atacava a Igreja e se exaltava o sexualismo biologista dos dias que correm, leva agora á scena uma peça, tão literariamente mediocre, como a outra, mas tão conforme ao sentimento catholico, que os communistas protestaram em meio de uma das representações... Isso é theatro de bobagem, que ora tenta agradar ás esquerdas ora ás direitas, para estar de bem com "Deus" e o "Demonio" ("Sexo"), e tranquillamente viver á custa dos... ingenuos.

Os dramas theatraes, de que hoje publicamos a introdução explicativa, são vinhos de outra pipa, como se costuma dizer. Nestes,

não é o diletantismo, o interesse inconfessavel, a duplicidade de opiniões, o "pilatismo" que se vê. Mas, no extremo opposto, uma tentativa singular de dar fôrma literaria ao maior Drama do universo, não por interesse meramente esthetico, mas por uma dadiua irresistivel do coração, por uma adhesão invencivel da intelligencia e quiçá da propria vida, A'quelle que nos indica o caminho da immortalidade.

Aqui, sim, nos encontramos em cheio no amago do Christianismo, no que tem de mais puro e mais ardente. Aqui nos defrontamos com um espirito de moço, que nos revela o que ha de mais digno e de mais alto na tragedia da mocidade moderna, que luta contra o mundo ambiente, em suas multiplas tentativas de satanizar o ambiente em que vivemos.

Ha, na vida catholica moderna, sectores da mais intensa vitalidade, que poderiamos distribuir por tres planos ascendentes. O mais alto é o da pura espiritualidade, o da vida mystica da Igreja e dos fieis em sua expressão mais despojada. A mystica, a ascetica, a liturgica, com todas as suas repercussões na vida individual e collectiva, constituem o dominio desse plano superior da vida religiosa, que parece intensificar-se e purificar-se, cada vez mais, á medida que cresce a degradação materializante do mundo moderno do conforto, do sexo e da revolta.

O segundo plano de catholicismo vivo, na vida moderna, é o da acção catholica. Repercussão daquelle primeiro plano na vida social, nelle vemos a vida religiosa sair dos templos para as ruas, sair das consciencias para os varios meios sociaes. E nelles encontramos, muitas vezes, o vigor, a dedicação, a actividade que é bebida nas fontes puras da espiritualidade ascetica, mystica ou liturgica para vir derramar-se em fructos visiveis na sociedade.

Nestes dias que acabamos de viver aqui no Rio, durante a Campanha Social da Colligação Catholica, coroada, no domingo de Pentecostes pela sensacional publicação dos Estatutos Officiaes da Acção Catholica Brasileira, quem não viu em acção, surprehendendo a todos pelos resultados obtidos e a todos edificando pelo zelo demonstrado, — quem não viu esses bandos de moças e alguns rapazes, sairem pelas ruas, a pedir, a pedir, para que pudessem continuar a viver um grupo de obras da acção catholica? E quem não se sentiu reconfortado deante da alegria, do estímulo, da dedicação incansavel dessas senhoras e moças, desses homens e rapazes, — irmanados todos no mesmo sentimento de fé e de confiança por um trabalho em Christo?

Era a Acção Catholica em sua expressão mais actual e mais viva,

em sua vida derramada sem contar e sem reservas, neste mundo de egoísmos, ironias e commodidades.

Mas existe ainda, um terceiro plano na vida do Christtlanismo, onde tambem vamos encontrar modernamente, como em todos os tempos, uma vitalidade profunda e ardente: é o terreno dos arredores da Igreja, o plano da inquietação religiosa, das lutas interiores, das grandes pesquisas da verdade. E' a ardua estrada para Deus. A via difficil do Calvario. Alguns caminham porque vêm uma Estrella nos céos, como os Magos e seguem á procura de uma luz pacificadora. Outros seguem porque vêm a Cruz e a Cruz lhes dá, ás almas desengana-das e doloridas, o sentido do universo.

Pelas palayras desse memoravel prefacio que hoje publicamos, não vemos logo que o spectaculo da Cruz sangrenta, no alto do Golgotha, é que attrae os passos dessa alma, na sua tarefa grandiosa de exprimir, literariamente, os sombrios destinos que cercaram, no me-mento mais alto da Historia, o Destino do Filho do Homem?

Nesse terreno de inquietação, de duvidas, de tormentos, que é o terceiro plano vital do catholicismo em sua expressão ardente, é que se inserem paginas como essa que hoje publicamos.

Como, em cada um desses planos, — no da pura, espiritualidade ascetica, mystica ou liturgica; no da acção social, communicativa e constructora; no da inquietação religiosa, ardente e soffredora — como, em cada um delles, encontramos o sangue desse Corpo Mystico de Christo, que falta completamente nas veias desse catholicismo bur-guez, de que ha tempos aqui falámos!

Contra essa religião desfibrada e exanime, — que tantas vezes encontramos no catholicismo nominal de tantos figurões e de tantas figurinhas — temos, graças a Deus, o recurso dessa vitalidade pro-funda que nesses tres planos vemos vibrar, numa ascensão continua para a Beatitude e a Gloria.

Na alma serena e justa dos que alcançaram a paz superior da Fé; na ardua tarefa exhaustiva dos que trazem á sociedade, vazia de Deus, os principios bebidos naquella Fonte eterna de sabedoria; e fi-nalmente na luta memoravel dos que caminham para a Luz pela Cruz, com a alma anhelante e dilacerada, por vezes mesmo com a blasphemia na bocca e o coração em desespero, pois o Christo tem encontrado os seus maiores amigos entre os seus maiores inimigos — em tudo isso é que está palpitando o coração cheio de sangue vivo do peito mystico de Christo.

Se o peccado irremissivel é o do desespero, o peccado desdenha-vel é o da indiferença. E Dante exprimiui, para todo o sempre, de

modo inexcusável, o desdém supremo por essa raça de invertebrados, que dentro e fóra da Igreja, desconhecem a agonia do mysterio apenas presentido ou as mortificações quotidianas da luta perenne pelo Christo vivo. "Guarda e passa..."

O que o Christo veio pregar aos homens, aos seus proprios membros, não foi o repouso e a conformidade e sim a vigilancia e a oração. Era a graça que falava á natureza. E vinha corrigir a sua inclinação ao torpor e á complacencia em si mesma. Esses males não atacam apenas os que não conhecem ou os que desconhecem o Christo. Atacam-nos a nós todos, a cada momento, sob mil pretextos. A vigilancia é difficil. A oração custosa... A natureza foge á graça. Recusa-se a ella. Tenta seguir seus proprios rumos. Serve-se de mil pretextos para desviar-se pelos caminhos mais faceis, da descida. E a graça tem de ser paciente, não pôde nunca esmorecer e precisa a cada momento soprar na chamma que tende sempre a extinguir-se.

Essa vigilancia continua, essa oração de todos os instantes de lucidez, é o que nos salva do conformismo e da somnolencia.

E para isso precisamos viver tambem as aventuras espirituales de todos os que soffreram a perda e o reencontro com o Christo ou dos que andam desencontrados d'Elle. E quando vemos, nessa miseravel sociedade moderna, tão satisfeita de si, tão orgulhosa de seus progressos, tão alegremente refocilada nos seus vicios, tão commodamente repoltreada no seu luxo — quando vemos apparecer um flagellante, um asceta, um da raça de Yokanaan —, uma alma que mata em si o "burguez" e defronta-se com o "sangue Christão", — encontramos então sim, o antidoto contra a apostasia moderna e a segurança inabalavel de que o espirito não morre e a milicia não ha de esmorecer.

Eis porque não pude passar em silencio a publicação dessas paginas decisivas das "tres tragedias á Sombra da Cruz", que vêm marcar um momento em nossa literatura, não com o laço de fita côr de rosa do intoleravel sentimentalismo religioso, mas com o ferro em braza inexhoravel da grande arte christã, que marca e que subjuga.

Nada de mais raro em nossa literatura do que as paginas verdadeiramente christãs. Nada de mais commum do que as paginas falsamente christãs. O mesmo máo gosto que invade tantas vezes nossas igrejas e deturpa tantas tentativas de belleza authentica, anima tambem (ou antes desanima...) essa pseudo-literatura devota, que faz do christianismo um xarope. Nada de mais contrario ao espirito do Christo do que esse sentimentalismo banal que faz da religião uma serenata napolitana. Nada de menos puro em materia de belleza. E por isso exultamos ao saborear a agua limpida ou melhor ao sentir

o fogo aspero dessas tres tragedias despidas de todo artificio, reduzidas aos seus elementos mais puros, privados de todo apparatus ornamental ou rhetorico e que por isso mesmo desagradarão a todos os que vêm, na arte, um "divertissement" ou um pretexto para faceis romantismos.

Nellas vemos viver o verdadeiro sentido do Christianismo, que faz cair todo o superfluo e reduz o homem e as situações dramaticas aos seus elementos irreductiveis, aos seus corpos simples.

E' o que vemos nesses tres dramas christãos, que trazem para as nossas letras religiosas um sopro aspero que nos consola das languidas deliquescencias habituaes e para a nossa literatura profana tão envenenada de sensualismo e de preocupação do "effeito", o vigor asctico e puro do ar respirado no pincaro das montanhas.

Considero, por isso mesmo, uma data para as nossas letras a publicação destas fortes paginas, inspiradas no mais alto momento da historia e em figuras que tocaram de perto o maior Drama de todos os tempos.

P. S. — Já tinha terminado esta chronica, quando Murillo Mendes me entrega o livro de poemas que acaba de publicar com Jorge de Lima: "Tempo e Eternidade".

E a despeito de já conhecer algumas dessas paginas, foi tal a impressão recebida que não posso, nesta chronica de exaltação da grande e pura arte christã, passar em silencio essa publicação consideravel para a historia de nossa poesia. Se os poemas de Jorge de Lima reflectem na sua graça ou mesmo no seu hermetismo, o sentimento religioso popular, nas suas ondulações, no seu devaneio, através do temperamento tão original e moderno do seu autor — que é hoje um dos maiores interpretes vivos da alma brasileira; se nelles a poesia sóbe como uma seiva de terra — surgem os de Murillo Mendes como uma projecção violenta da poesia mais pura, unida ás mais altas manifestações da Verdade, no campo das nossas letras. Raramente, na historia dellas tem a poesia alcançado horizontes tão largos. Ella apparece, nessas paginas, curtas mas impressionantes, despida de todo pieguismo, vazia de qualquer artificio visivel ou de ornato superfluo, numa revelação purissima da belleza do mundo tal como a exprime o dogma catholico. Porque esses poemas reflectem directamente a belleza dogmatica da Verdade. Suas linhas são lisas, altas, directas, rudes, como as da propria figura da Igreja, tão desfigurada pelo romantismo devoto ou pela paixão sectaria.

Ha poemas curtos e faceis, verdadeiros pontos de exclamação

poeticos. E ha poemas longos e psalmodiados, que nos levam por suas azas possantes, ao longo dos tempos e á luz da eternidade.

Poesia objectiva, mas sem sombra de preocupação descriptiva ou pantheista. Poesia hieratica, mas sem frieza. Poesia catholica, essencialmente catholica, poesia episcopal, desassombadamente ecclesiastica e pontificia, na mais bella accepção desses termos, — sem qualquer vislumbre de sentimentalismo devoto ou de falso classicismo. Moderna, extremamente moderna, mas sem qualquer modernismo artificial. Poesia, enfim, que lida num cenaculo de homens de fé, numa hora de fraternidade e de meditação, nos levantou a todos, como uma só alma num sentimento unanime de alegria.

Era a procura, a ansiedade, o descontentamento de tudo o que fôra privado da Luz que nunca se apaga. Era a marcha áspera na encosta, nos arredores do templo, nos caminhos pedregosos para a Cruz, que é o terceiro plano daquelles que a Igreja considera os soldados desconhecidos do Christo.

Folgo, pois, em poder approximar nesta chronica paginas, de poesia e de prosa, que marcam, para a literatura brasileira, um dos mais altos cimos de sua grave inspiração, moderna, nesta hora em que os ornatos cáem; os malabarismos se desmoralizam; volta-se ás coisas essenciaes e certas almas desenganadas das aventuras intellectuaes literarias levantam o véo do mysterio e páram estupefactas, presentindo ou descortinando a Fonte suprema da belleza e da expli- cação de todas as coisas.

Por muitos annos pedi aos modernos, não fecharem os olhos ao sobrenatural, lado direito do tecido da vida de que somos apenas o avesso. Eil-o aqui, o sobrenatural. Não foram esses os primeiros certamente que o trouxeram ás nossas letras modernas. Nestes poemas, nesta prosa nua em torno do Christo e nesses poemas catholicos, em torno do seu Corpo Mystico, vemos a reacção mais recente e mais impressionante contra os abusos, que de novo se iam espalhando em nossas letras, de um naturalismo literario, anachronico ou impregnado de "parti-pris" politicos. Nestas paginas, nada disto. Nenhuma preocupação apologetica. Nenhum esforço de vencer a rhetorica. Nenhuma posição interessada. Nenhuma preocupação de agradar.

Esses dramas e esses poemas são um alimento forte, acido mesmo e secco, que provavelmente não satisfarão a todos os paladares. Aquelles, porém, que estiverem cansados do convencionalismo literario ou do naturalismo de uma arte pornographica ou pantheista hão de saudar nessas paginas da nossa mais moderna literatura, uma desforra memoravel do Espirito, contra a pieguice e a sensualidade. A

belleza cathedralicia de alguns desses poemas e a força impressionante de certos dialogos desses dramas mostram, bem ao vivo, como não ha mais alta inspiração para a arte de que o verdadeiro christianismo.

Rio. Domingo de Pentecostes.

1935.

TRES TRAGEDIAS A' SOMBRA DA CRUZ

Prefacio e Introduccção

OCTAVIO DE FÁRIA

“Eu bem sei que sois filhos de Abrahão; mas vós quereis me dar a morte porque a minha palavra não cabe em vós”.

(S. João, 8, XXXVII)

PREFACIO

Este livro é um testemunho e só como tal me parece que póde ser aceito e comprehendido. Mas, como entre nós um testemunho é sempre alguma coisa de muito perigoso, dada a inegavel tendenciã existente de entender mal o que os outros dizem — mesmo quando não ha má fé — julgo-me autorizado a tomar no presente livro todas as precauções, inclusive a de me explicar longamente sobre o que quiz fazer. Foi o que tentei na Introduccção que se segue (não sendo, entretanto, de modo algum indispensavel a leitura das tres tragedias apresentadas).

Alem do motivo de precaução, pensei tambem que o testemunho que as tragedias representam ganharia muito se pudesse vir completado por essas pequenas notas e por esses rapidos commentarios (desenvolvidas e completados quando necessario) que o acompanham sempre nos nossos diarios ou nas conversas que sobre elle temos, verdadeiros prolongamentos da obra creada, signaes sensiveis do seu enraizamento em nós, quasi indispensaveis para que se comprehenda o verdadeiro movimento que nos une a ella.

Rio — 1934. Campo Bello — 1935.

INTRODUÇÃO

**“E Jesus lhes disse: Eu vim a este mundo para exercer um julgamento, afim de que os que não vêm, vejam, e os que vêm, se façam cegos”.
(Joan. 9, XXXIX).**

Se é verdade, como me parece, que o destino de um individuo repete quasi sempre nas suas linhas geraes o destino de toda a humanidade, seguramente ha um momento em que o christianismo nasce nesse individuo, do mesmo modo que, historicamente, se póde assinalar um momento em que o mundo novo nasceu em pleno mundo antigo.

A passagem de Christo pela Judéa, sua paixão, sua morte, vistos sob esse angulo, são perfeitamente como o que se dá em nós quando os primeiros annos da existencia vão ficando para traz, com as primeiras duvidas e as primeiras negações: um desabamento de mundo velho, uma fallencia de instituições seculares, a perda de confiança em mil forças que antes eram consideradas todo-poderosas e sobre que uma simples duvida parecia um signal inequivoso de fraqueza e de doença. O christianismo surge assim dolorosamente de um mundo em esfacelamento, do mesmo modo que, na nossa carne ferida, irrompe um dia, depois de longa luta, o grito de descoberta do nascimento do Christo em nós.

E' nesse momento de privilegio em que revivemos, em nós, todo o drama da passagem de Christo pela terra que melhor podemos testemunhar sobre o momento historico do surgimento do christianismo. E creio mesmo que sómente os que passaram por esse nascimento do Christo em si mesmos (1) podem comprehender sufficientemente, integralmente, o nascimento, no tempo, do christianismo e toda a revolução que provocou nas concepções da antigüidade. Sómente aquelles que viveram em si, total ou parcialmente, a miseria dos destinos de Pilatos e de Judas, ou noutros extremos, bem mais raros, a extensão da grandeza humana de Yokanân, ou ainda qualquer dos episodios da paixão de Christo, só esses poderão realmente testemunhar sobre esses episodios iniciaes do christianismo, sobre esse momento

(1) — ...e que não são muitos pois mesmo entre os catholicos muitos ha para quem o Christo não nasceu ainda ou para quem provavelmente não nascerá nunca...

essencial, em que o mundo novo, como que se desprende do velho mundo que o procura reter, libertação dolorosa e banhada de sangue como a da carne que é arrancada da carne, como a do sangue que é separado do sangue.

Quando me ocorreu essa necessidade de testemunhar e a forma theatral se me impoz como a mais propria, a que se indicava mesmo pela natureza do material, meu espanto foi grande ao pensar e ao verificar, depois, tanto quanto me foi possível (2) que os grandes dramaturgos, Shakespeare inclusive, tinham como que passado ao largo dessas grandes tragedias, desses dramas tenebrosos que se desenrolaram á sombra da Cruz. O material das suas obras elles o tinham ido buscar em todas as épocas, em todas as civilizações, na historia dramatica de todas as nações. Tinham revolvido a antiguidade inteira, revivendo uma a uma todas as lendas gregas, os episodios principaes da vida terrível do povo de Israel, os momentos de maior grandeza da historia de Roma. E tinham inexplicavelmente pulado por cima da tragedia da Cruz para vir buscar na hagiographia ou no repertorio heroico da historia de cada paiz, um motivo especial de inspiração, um ponto de partida para a affirmação de determinados sentimentos. Sómente o material dramatico accumulado á volta da Cruz, Yokanaan annunciando, Pilatos traindo, Judas se desesperando, Lazaro resuscitando, Simão Pedro renegando, Thomé duvidando, Magdalena se arrependendo, as santas mulheres sã lamentando, e acima de tudo o Christo soffrendo e sangrando na Cruz, sómente esse material sem o qual entretanto nada mais tem sentido no mundo em que vivemos, é que foi deixado inexplorado, como se não interessasse de modo algum ou como se os "mysterios" da Idade Media tivessem esgotado todas as suas possibilidades dogmaticas. (3) Shakespeare, Ben Jonson, Marlowe, Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderon, Cervantes, Alarcon, Camões, Corneille, Racine, Molière, Milton, Alfieri, Lessing, Klopstock, Hebbel, Schiller, Kleist, Goethe, Holderlin, Byron, Ibsen, Strindberg, Bjóernson, Sudermann, Hauptmann, Tchékof, Pirandelo, Gide, Claudel, Giraudoux Lenormand,

(2) — ...registrando apenas algumas pequenas excepções a que me referirei mais tarde.

(3) — Nesse sentido, aliás, pouco posso testemunhar, quasi nada tendo podido encontrar que me esclarecesse sufficientemente. Duvido muito, porém, que mesmo os mysterios como os que a freira Hroswitha compoz ou o "Mysterio da Paixão,, com os seus quarenta mil versos, tenham conseguido esgotar a dramaticidade da tragedia da Cruz.

os mais antigos como os mais modernos, os maiores como os de menor importancia (4), todos esses que foram buscar o material dos seus dramas historicos nas duas grandes fontes a que alludimos: antiguidade ou patrimonio historico nacional, todos esses salvo duas ou tres excepções (5), deixaram sempre intocada a tragedia da Cruz.

Um simples golpe de vista lançado sobre a historia do drama seria suficiente para tornar evidente aos olhos de todos o estranho dessa ausencia que podemos dizer quasi completa. Encontram-se todas as tragedias menos as passadas á sombra da Cruz. Shakespeare, ao mesmo tempo que segue a historia da Inglaterra por mais de tres seculos, ao longo de dez dramas, mergulha fundo na antiguidade greco-romana á sombra dos destinos de Timão e de Pericles, de Coriolano e de Cesar, revivendo as paixões de Troilus por Cressida, de Cleopatra por Antonio. Debalde se procurará no seu theatro alguma coisa que lembre o momento da Paixão. Lope de Vega (6) multiplica as suas comedias com os annos que passam, mas se o Velho Testamento ou a hagiographia (7) contribuem cada dia mais fortemente com o seu material dramatico, o Novo Testamento (especialmente os Evangelhos) não parece tomar parte nesse immenso movimento de criação. (8). Como a inspiração religiosa de Lope de Vega a de Calderon busca os seus motivos em mil terrenos, mas sempre (9) longe da tragedia da Cruz. Cervantes, na sua unica tragedia, recorre á historia de Roma — como á literatura romana vae recorrer Camões para a sua grande comedia. Emquanto Corneille verte para as suas tragedias o heroismo romano em toda a sua força, Racine caminha quasi sempre á sombra do sublime dos tragicos gregos que só abandona no fim da vida

(4) — ...sem falar, naturalmente, dos de bem menor importancia, como Gryphius ou Kotzebue, Metastasio ou Maffei, Garrett ou Marcellino Mesquita, Thomas Corneille ou Crébillon, para não falar dos que me parecem sem interesse algum, como Voltaire ou Ducis.

(5) — Nesse sentido ver o Appendice, no fim deste volume.

(6) — ...por mais difficil que seja affirmar qualquer coisa nesse sentido de quem escreveu, entre comedias e autos, mais ou menos 2.200 peças.

(7) — ...as suas famosas "comédias de santos"...

(8) — A exceptuar naturalmente o drama a que me refiro no Appendice.

(9) — ...pelo menos pelo que pude verificar, aqui, como no caso de Lope de Vega, toda affirmação categorica sendo muito arriscada.

pela inspiração religiosa do Livro de Israel. (10). Molière só abandona os ridiculos da gente da sua época pelo de certas situações das lendas gregas. Como Milton é no Velho Testamento que Hebbel (11) vae buscar a sua inspiração tragica. E se Klopstock se afasta algumas vezes d'elle é para encontrar quasi sempre no heroe nacional Arminius — como Schiller em Wallenstein — o nucleo de suas tragedias historicas nacionaes, verdadeiras replicas allemãs (taes como as de Kleist) das tragedias historicas nacionaes de Shakespeare. Lessing, Holderlin, Goethe procuram o seu material na historia grega, Byron na narração biblica dos primeiros tempos, Ibsen e Strindberg na historia romana, mas nenhum delles vae a Jerusalem do grande dia como não vão a essa Jerusalem nos nossos dias nem um Gide que segue os destinos de Edipo e de Persefona, nem um Giraudoux, que reanima mais uma vez "Amphitrião", nem mesmo um Henri Ghéon, apesar dos seus novos "mysterios", e nem mesmo um Claudel, que traduz os classicos gregos, anima farças mythologicas, irrompe em toda a sua inspiração religiosa em dramas historicos dos tempos modernos, mas inexplicavelmente se abstem de dar forma dramatica á tragedia da Cruz que lhe provoca, no emtanto, alguns dos mais bellos versos que já foram escriptos (12).

Nada portanto que se approxime dessas tragedias que reclamamos e cujo interesse é tão grande como o de quaesquer outras — cuja riqueza (mesmo riqueza psychologica como ontologica) seguramente não é excedida por nenhuma outra proveniente do material dramatico historico de nenhuma nação.

Explica-se assim o meu espanto ao verificar que aquelles que se inclinavam cheios de interesse nobre sobre o destino de Edipo ou sobre o de Brutus, passavam ao largo da trahição de Judas, como um simples facto historico já passado em julgado ou como um acontecimento de ordem mythologica, sem o menor interesse actual. Por que, me perguntava eu, por que os dramaturgos se obstinam em refazer os grandes dramas e as grandes tragedias gregas, multiplicando as versões de "Amphitrião" e de "Edipo", de "Merope", de "Ifigenia", quando os

(10) — Das mesmas fontes greco-romanas se nutrirão tambem Jodelle e Thomas Corneille, e mais tarde Alfieri, Crébillon, Voltaire e Ducis, para não falar de outros menos importantes ainda.

(11) — ... exceptuando-se um projecto de tragedia a que me referirei no Appendice.

(12) — v. P. Claudel — "Coronna Benignitatis Anni Dei". (Le Chémin de la Croix, etc).

dramas de Pilatos e de Judas, de Yokanaan ou de Herodes ficam intocados? E por que o abandono de Jeanne D'Arc pela justiça de alguns theologos excitou sempre tanto a imaginação de dramaturgos que, no entanto, nunca cuidaram da entrega de Jesus pela Justiça de Roma?

Por mais abundantes que sejam as razões invocadas para explicar cada caso em particular (13), fica sempre, justificando o meu espanto e testemunhando fortemente, o facto global, a inexistencia dos dramas que se desenrolaram á sombra da Cruz e na propria Cruz.

Que esses dramas existem — isto é: que existe nelles um material dramatico de grande intensidade — não me resta a menor duvida. Talvez as tres tragedias que realizei, naturalmente na medida das minhas possibilidades, não consigam dar ao leitor essa impressão. Não importa, porém: a riqueza do material perdura e não creio que possa ser negada. Procure-se em uma nova realização tornal-a mais sensível, annullando as evidentes defficiencias dessa tentativa. Mas não se negue a força emocional que cada uma dessas tragedias traz consigo armazenada no seu heroe principal, no "destino" que elle inevitavelmente representa.

Seria mesmo quasi impossivel que não fosse assim. Estamos deante de uma situação que, por si, já é quasi tudo. Estamos deante de um desses momentos unicos na historia, momento em que, quasi sem que se sinta exteriormente, um mundo sae violentamente de outro e começa a viver e começa a exigir uma serie de sacrificios. Ora, se as simples decadencias ou os simples nascimentos da civilização já trazem consigo uma grande quantidade de elemento dramatico capaz de se transvasar em "destinos" de individuos de excepção, de "heroes", no sentido classico da expressão, o que não se encontrará de dramaticidade aproveitavel nesse momento que isolamos — especial entre todos por representar o mais tremendo dos choques já vistos entre dois mundos, entre duas concepções da vida irremediavelmente oppostas?

E' evidente, portanto, que não estamos aqui deante de tres tragedias que tenham por finalidade narrar aspectos da decadencia de Roma. Nem tão pouco os primeiros acontecimentos da nova era. Toda a secreta razão de ser dessas tragedias é que ellas se situam num

(13) — ...e aqui não me interessa senão assignalar o facto, deixando para occasião mais opportuna uma possivel analyse das suas diversas explicações possiveis...

momento de transição em que um mundo sae de outro, rasgando-o de alto a baixo, condemnando-o a um irremediavel anniquillamento.

Deixemos aos tolos a observação de que falta "tempo" e falta "espaço" para situar esse momento entre os dois mundos historicos que conhecemos. Que nova necessidade é essa? Psychologica e ontologicamente existem varios "destinos" que então se chocam violentamente, destruindo o mundo antigo e creando o novo, e não pertencendo a nenhum delles. Não é o que basta, ao dramaturgo pelo menos? (14).

Nesse momento de transição, portanto, o mundo antigo se esboça mysteriosamente e com elle as suas principaes concepções. Choque tremendo que não só destróe individuos como invalida toda uma concepção da vida. Ora, é porque o destino de certos homens torna então sensivel essa revolução operada em tudo o que antes era aceito e venerado, que suas vidas assumem o caracter altamente tragico com que nos apparecem desafiando a forma dramatica a traduzir sua suprema significação. No caso que nos interessa: tragedia do fracasso da confiança e da pureza, com Yokanaan; tragedia do fracasso da justiça e da sympathia, com Pilatos; tragedia da trahição e do abandono ao desespero, com Judas.

Yokanaan é a tragedia da esperança baldada, da confiança na invencivel fraqueza humana no poder de persuasão da vontade. E' a pureza intratavel que o mundo não permite que viva. Mas não importa que seja assim. Tudo acontece como se nada disso existisse. Não é possivel esperar, mas não ha outro meio senão esperar. Não é possivel dizer a verdade aos homens, mas não é possivel deixar de dizel-a. Não é possivel se recusar ao desejo, mas é preciso ousar a recusa. Yokanaan realiza no seu sangue e na sua vida todas essas impossibilidades e, por isso, morre. Por isso tambem não ha sobre a terra, "nascido de mulher", homem maior que Yokannan — segundo a palavra de Christo.

Pilatos é a tragedia da justiça que se acovarda (por demais fraca isolada do homem forte), da admiração que não ousa falar mais alfo que o egoismo. E' o homem fraco que recua deante do sacrificio pes-

(14) — Não é o que basta ao dramaturgo, cujo verdadeiro clima sempre foi o absoluto? Dispamos os tragicos gregos, os hespanhoes da época classica, Shakespeare, Racine, Goethe, Ibsen, Pirandelo, Claudel, do que nos seus dramas é "espaço" e "tempo". O que fica? O essencial, aquillo que representa a "palavra" que trouxeram, a descoberta de absoluto que representam — a sua "mensagem", emfim, para usar a palavra já hoje consagrada para esse fim...

soal que lhe impõem para salvar o seu mundo e que o precipita assim consigo na mais irremissível das infâmias. E' preciso não julgar o Christo e Pilatos julga-o. E' preciso ousar tudo e Pilatos lava as mãos. E' preciso se arrepender e Pilatos só quer se esquecer. Pilatos tergi-versa sempre e, por isso, entrega a Justiça de Roma á execração dos homens (15). Por isso tambem não ha sobre a terra criatura mais despresível do que Pilatos.

Judas é a tragedia do desespero que invade e destróe tudo (16), da "expiacão" (segundo o pensamento antigo) de uma fraqueza que excede de muito todas as fraquezas humanas, do horror que a propria miseria e a maldição eterna inspiram ao que sentiu e comprehendeu em si mesmo a grandeza divina. E' a falta de amor de um momento, que se transforma em desespero de amor que nenhum sacrificio póde aplacar senão o da propria vida. E' preciso se recusar ás tentações do demonio que procura um "complacente", e Judas se entrega. E' preciso aceitar a miseria pessoal de ter trahido a Jesus e Judas recua por não poder supportar o horror de si mesmo. E' preciso esperar, apesar de tudo e contra tudo, e Judas desespera. Judas não sabe amar e, por isso, trahe a Jesus e morre devorado pelo abysmo do desespero. Por isso tambem seu destino é differente do de todos os outros homens e nenhum delles, por mais infeliz que tenha sido, jámais ousou invejal-o. Nem nenhum nascerá que o ouse.

Nesses pobres destinos que a proximidade de Christo faz tão terrivelmente tragicos, é todo o mundo antigo que vemos ruir deante de nós e deante de nós é já a era nova que se arranca a si propria dessa total destruição. A' sombra da Cruz é toda a grandeza antiga que vem morrer (17), gloriosa mas impotente na figura desse Yokanaan que annuncia o Christo; acovardada e decadente na desse Pilatos que tem nas suas mãos o destino de Christo; trahida e desesperada na desse Judas que aceitou de vender o Christo contra uma eternidade de de-

(15) — Depois disso, que póde valer aos olhos de um verdadeiro christão, o direito de Roma — o direito de Roma que fugiu da participação do grande julgamento ou que veio depois d'elle vergado sob o peso da mais invencível das responsabilidades?...

(16) — ...e, nesse sentido, não me parece que possa haver duvida: é a propria tragedia da civilização antiga que entrega o Christo por falta de amor e que, por isso, morre de desespero.

(17) — "Le "Vendredi Saint" diz Léon Bloy, á la porte occidentale de Jérusalem, il fut démontré au monde que l'Amour lui-même ne suffit pas, s'il n'est insensé, délirant, éperdu, agonisant et crucifié" ("Propos d'un Entrepeneur de Démolition" — pgs. 13-14).

sespero. Grandeza pessoal de um Yokanaan que vive o drama da pureza e do amor á verdade e que se sacrifica como testemunho da luz que vem vindo contra o mundo que o mata. Grandeza involuntaria de um Pilatos a quem cabe julgar humanamente a Deus e que depois de entregal-o nem mesmo percebe que lavou as mãos no sangue do mundo antigo. Grandeza demoniaca de um Judas que é, entre os que seguem a Jesus, o agraciado pela tentação á procura de alguém que o queira, para, aceitando-a, vivendo-a, poder entregar o Christo no momento marcado. Grandezas estranhas a quem na verdade só o destino de Christo póde dar sentido, Yokanaan glorificado no momento do maior abandono, Pilatos condemnado com o mundo que não póde salvar; Judas, com todo o peso das fraquezas humanas, fazendo carga para afundal-o no peccado irremissivel...

NA GRANDE ENCRUZILHADA

Prof. LUCIO JOSE' DOS SANTOS
Ex-Reitor da Universidade de Minas Geraes

Vae para vinte annos, escreveu Godefroi Kurth excellente livrinho, sob o titulo — "L'Eglise aux tournants de l'Histoire", em que mostrou a missão divina da Igreja, e, em rapidos mas vigorosos bosquejos, traçou o quadro das luctas, soffrimentos e triumphos que ella tem atravessado nas épocas de grandes e excepcionaes transformações sociaes e politicas, nas grandes reviravoltas da Historia, no que poderemos chamar as grandes encruzilhadas historicas.

I A Igreja e os Judeus

II A Igreja e os Barbaros

III A Igreja e o Feudalismo

IV A Igreja e o Neo-cesarismo

V A Igreja e a Renascença

VI A Igreja e a Revolução

I Como pode o Christianismo tornar-se uma religião universal em vez de constituir simples seita judaica ou mesmo uma seita religiosa como qualquer outra? Tal foi o primeiro problema.

Como levar os Judeus á comprehensão de que, não apenas elles, a raça eleita, mas tambem os detestados goim, eram chamados á herança de Jacob? E, sobretudo, como levar o grego e o romano a abraçarem uma religião formulada por um judeu crucificado, nascido no seio de um povo ao qual, como escreveu Tacito, ensinára Moysés ritos contrarios dos outros povos. — *novos ritos contrarios que ceteris mortalibus indidit?*

Duas difficuldades formidaveis eram essas, e foram vencidas!

II Convertido o imperio romano, era natural crer que a Igreja se tivesse identificado com elle e não pudesse resistir aos golpes dos Barbaros que o invadiram e destruíram.

O imperio desapareceu, e a Igreja volveu a presidir, diz O. Lapruné, ora visivelmente, ora de modo latente, á evolução de onde saiu uma nova civilização.

III No seculo XIII, diz o mesmo escriptor, parecia concluida a obra e exgottada a influencia da Igreja. Nova arte, nova philosophia, nova literatura, novo estado social e politico, tudo havia sido refeito e tudo parecia de tal modo identificado com o Christianismo, que não se deveria conceber, pudesse este continuar a existir, cessada semelhante situação.

E não era só isso. O systema feudal, pela sua propria natureza, constituia um dissolvente da disciplina e da pureza da Igreja.

Foi essa a terceira grande victoria da Igreja.

IV Eis que, porém, os principes, fortalecidos com a decadencia do feudalismo, não contidos pelas reivindicações populares, que se não formulavam ainda de modo preciso e energico, entenderam reatar as tradições do imperialismo romano: a vontade do principe constitue lei — *quod principi placuit, legis habet vigorem*.

Quanto soffreu a Igreja da parte do absolutismo, sabem-n'os todos. E, no absolutismo, não era talvez mais damnosa a perseguição do que a protecção que, frequentemente, entendia elle dispensar á Igreja.

Ora, o absolutismo passou; e a Igreja continuou a sua missão.

V A Renascença, fóra de duvida, é um dos movimentos mais consideraveis e mais caracteristicos, na historia da humanidade. A transformação operada por essa resurreição do passado pagão foi consideravel e profunda. Começou no terreno literario e acabou avassalando todas as esferas da actividade humana.

O Papado esteve inicialmente á frente desse movimento, mas não viu ou não quiz ver o perigo, e levou tão longe a sua complacencia que nos causa pasmo, hoje. Foi necessario que a reforma protestante viesse despertar-lhe a attenção e dar-lhe providencialmente uma noção segura do rumo que tomavam as coisas.

A Igreja, como aliás já o fizera antes, quando necessario, reformou-se a si mesma e venceu essa quinta e terrivel etapa.

Sobreveiu a grande catastrophe revolucionaria, que agitou, sacudiu e transformou o mundo. Poude-se proclamar a ruina irremediavel da Igreja, e paizes houve onde, effectivamente, a vida religiosa, si não desapareceu de todo, foi pelo menos reduzida a completa lethargia: *Les dieux s'en vont!*

A revolução, diz Joseph de Maistre, não é um acontecimento, mas uma época, e as épocas duram, ás vezes, mil annos.

Seria fechar obstinadamente os olhos á realidade, contestar que a Igreja não sómente tenha sobrevivido á ruina do passado mas ainda se tenha coberto de gloria, cheia de vigor e de fecundidade.

Comparai o movimento religioso catholico, em todos os paizes da Europa, na época do tratado de Vienna (1815), com o que veiu a ser nas vespersas de 1914, e tereis a confirmação cabal do que acabamos de affirmar.

Poderíamos agora completar a obra de Godefroi Kurth, acrescentando-lhe mais um capitulo, cujo estudo fosse a setima etapa, a mais profunda e mais vasta transformação por que tem passado a sociedade humana, isto é, a guerra mundial com os formidaveis problemas que gerou.

Empolgados por esse vasto turbilhão, não lhe podemos sentir bem a violencia e as devastações, si não o referimos a alguma coisa de fixo e de immutavel, si não examinamos á luz de um criterio superior os valores que elle pensa destruir e os que pretende crear.

De longa data vinha o mundo gozando uma paz, que pequenas guerras, aqui e acolá, não conseguiam alterar de modo muito sensivel. Grande vinha sendo o progresso material e mental, embora não se possa dizer que parallelamente corresse o progresso moral.

Eis que as nações mais cultas da Europa, possuidas de verdadeira insania, se lançam umas contra as outras, em cinco annos de pavorosa lucta.

Passada a tormenta, desanuviados os horizontes, poude ver-se o mais lamentavel espectáculo. Não eram apenas milhões de cadaveres que juncavam o campo de batalha; não eram apenas milhões de mutilados, de orphãos e viuvvas. Era muito, mas não era tudo. A humanidade refaz-se com facilidade. Muito mais graves eram as transformações sociaes e politicas, por que passára o mundo.

Instituições que pareciam desafiar o tempo, desappareceram. Thronos que se acreditava assentados no terreno firme da tradição e do amor do povo, ruíram por terra em fragorosa quéda.

Não precisamos completar o quadro. Aos olhos mesmo dos menos clarividentes salta hoje, que o mundo experimentou uma transformação profunda no terreno social e politico.

Os povos vivem na inquietação. Dos dirigentes, alguns pensam refugiar-se no passado, na vã expectativa de restabelecer as antigas normas governamentaes e administrativas; outros julgam que o passado morreu para sempre e que é preciso abrir novos caminhos; outros ainda tentam adaptações capazes de satisfazer as necessidades do momento; todos, porém, sentem a gravidade da situação.

Os phenomenos economicos tomaram feição tal, que desorienta os mais avisados, e ninguem se entende sobre as medidas a empregar.

porque muitas destas, efficazes antes, manifestaram-se agora inuteis ou contraproducentes.

Achamo-n'os, pois, em uma grande encruzilhada historica. Deante de nós varios caminhos se rasgam, de cuja escolha dependem os destinos da humanidade.

Em uma situação dessa natureza, é facil que, ao lado dos verdadeiros doutrinadores, iniciadores e guias, appareçam charlatães de toda sorte, cuja audacia, fortalecida pela tibieza dos bons, nos póde conduzir aos peores resultados.

E é isso precisamente, que está acontecendo. Indispensavel é, pois, um exame objectivo da situação, para que se possam descobrir os meios de melhora-la, encaminhando devidamente os acontecimentos. Preconizar remedios extremos, violentos, não aproveita, e nem mesmo proya intelligencia. Fazer o bem pelo excesso do mal é a illusão da maldade, activa sempre, jámais satisfeita, felizmente nunca victoriosa. Ninguem vae destruir a dynamite uma grande barragem, contando poder encaminhar segundo suas proprias conveniencias a agua, depois que esta irromper em borbotões, furiosa e indomavel. A mais elemental prudencia mandará abrir passagem para um escoamento normal e pacifico. Como classificar o individuo, louco ou imbecil, que, possuido de forte cephalalgia, se exaspera e vae bater contra a parede a cabeça?

Ora, o remedio extremo que se vae apregoando, já **brilantemente** ensaiado na Russia e um pouco no Mexico, importa em sacrificar a religião, a familia, a autoridade e a propriedade privada, inaugurando o regimen em que a direcção passe ao proletariado.

Vem ahi duas illusões — Em primeiro lugar, não governaria o proletariado e sim alguem, que falasse em nome d'elle. Ora, no regimen democratico, é tambem o povo que governa...

Em segundo lugar, já o disse alguem, as massas populares não são melhores do que a classe aristocratica e a classe media, que ellas combatem e procuram destruir. Quando essas massas estiverem no governo, farão o mesmo ou peor. A tendencia a abusar do poder é geral.

Para a resolução desses graves problemas, preconizamos a realização integral do Christianismo tanto na ordem individual como na ordem social e politica. Mas, voltar ás praticas christãs não é restaurar as normas sociaes e politicas do passado, com as quaes, conforme dissemos, jámais se identificou a Religião. Affirmar semelhante coisa é uma ignorancia, um erro ou, peor ainda, uma calumnia.

No movimento social moderno, nem tudo é condemnavel. Ha um

grande numero de aspirações e reivindicações legítimas, que seria erro desconhecer e injustiça combater. Não cairemos em um nem cometeremos a outra.

Combateremos esse absolutismo do Estado, esse materialismo, esse mundanismo, essa negação da autoridade e da disciplina; mas, não recusaremos a nossa collaboração ao progresso legitimo, para o qual temos sempre cooperado.

Alguns querem defender a Religião, mas, de que modo?

Inge, em livro recente, de grande successo, se affirma guiado por este nobre intuito: defender a volta dos principios fundamentaes do Evangelho, tal como eu o entendo.

Como eu o entendo quer dizer: como qualquer o entenda. Ora, dahi nenhuma medida salvadora pode surgir, e a consequencia final será a ruina doutrinaria do Christianismo.

A autoridade da Igreja é, pois, absolutamente indispensavel; della não prescindimos.

Outros adversarios ha que, muito meigamente, prestam a sua homenagem ao Christianismo, pelos bons serviços que já prestou, estando, porém, exgottado hoje, impotente deante das necessidades da hora actual.

Ahi está um erro, que o citado livro de Godefroi Kurth destróe, com o exemplo das seis etapas anteriores. Nenhuma epoca, diz o citado Laprune, realizou o Christianismo integral, em todos os seus modos de pensar, sentir, querer e agir. Nem o IV, nem o XIII, nem o XVII seculos foram integralmente christãos; e que o fossem, haveria ainda outras faces da idéa christã e outros recursos do espirito christão, que elles não nos teriam sufficientemente revelado, porque nem as suas necessidades, nem os seus males, nem o seu estado de espirito, nem o seu estado social, nem as formas de vida então conhecidas e experimentadas chamavam para esse lado a sua attenção. O Christianismo é sempre joven e fecundo; e quasi sempre é delle que procedem primitivamente essas grandes idéas, que se lhe oppõem depois; é delle que ellas provêm, no que possuem de são, solido e fecundo".

Nessa grande encruzilhada historica, tão cheia de obscuridades, temores e incertezas, o caminho a seguir já nos está aberto — a realização integral do Catholicismo.

A IGREJA (Segundo a doutrina de S. Paulo)

Fr. MANSUETUS

“Fundamentum enim aliud nemo potest ponere, praeter id, quod positum est, quod est: CHRISTUS JESUS” (1. Cor. 3, 11).

“Ninguém pode lançar fundamento diverso do que foi lançado, que é: JESUS CHRISTO”.

S. PAULO, o minimo e ultimo dos apóstolos, mas apóstolo verdadeiro, que é, principalmente, pela graça, traçou-nos em linhas monumentaes e desta vez bastante claras — pois clareza sufficiente nem sempre achamos em suas epistolas — os fundamentos e o edificio da Igreja de Christo.

E' para admirar que este genio serio, fervoroso, apaixonado, impulsivo, que sentiu a lei dupla do espirito e da carne tão differenciada como poucos, que conhecia e via com clareza extraordinaria as consequencias fataes do peccado na criação de Deus de que só ha redempção pela immolação do “novo Adão”, — Paulo, que é um dos mysticos mais empolgantes e ardentes por sua fé vivificada e realizada, com que estava “no terceiro céu”, e que, todavia, peregrinava “longe do Senhor” em nostalgia, saudade e caridade zelosa, — é para admirar, digo, que este Paulo, sempre fugoso, se torna de repente, como que pensativo e philosopho, por assim dizer “racional”, lineando-nos e construindo a estructura grandiosa e fortissima da Igreja, baseando-se na doutrina de Galileu. Pensador e philosopho é aqui, se bem que seja cheio de vida e fantasia, como sempre; mas apesar de tudo, escreveu sobre a Igreja doutrinando e philosophando.

Paulo viveu, certa vez, o seu Damasco, que fez perecer o Saulo; elle era egoista, outrora, egoista extremo como todos os phariseus do seculo I e do seculo XX. Mas este phariseu foi substituido, um dia, por outro centro: por Christo! Nelle baseava-se, doravante, toda a sua vida interior, até que elle podesse exclaimar: “Christo vive em mim e eu Nelle”. E' esta a mystica paulina, guiada e illuminada pela Fé viva e seria, pela realização actual de Seu Christo, cujo escravo ulti-

mo elle é, esta mystica que treme e brilha ainda em sua theologia messianica.

Saulo, sendo Paulo, saiu da soledade benefica do deserto com seu silencio singular e suas visões, flagellações, orações e lagrimas. Ouve elle a palavra de ir "aos judeus e pagãos". E, doravante, é o "Ahas-vero" inquieto, e não sei eu, si elle o era mais pelo temperamento ou por missão divina. Quem affirmar o ultimo, não será contrariado por mim. Sua missão divina era "o levar o nome de Deus ante reis e povos, e em seguida, impoz a si mesmo o imperativo severo: "Vae mihi, si non evangelizavero" (1), e a outra palavra dinamica: "Insta opportune, importune" (2). O que até agora viveu nelle como que condensado e concentrado, agora corre e fluctua sobre os seus labios como a torrente impetuosa pelos montes. Dessa plenitude da inspiração surge a sua boa nova, o seu "euangélion" sobre a Igreja.

I. Christo é o fundamento. Foi S. Paulo que escreveu esta verdade reveladora: "Porque Deus, que ordenou que das trevas rompesse a luz, resplandece em nossos corações para fazer resplandecer o conhecimento da gloria divina da pessoa de Jesus Christo" (2. Cor. 4, 6). Para o Tarso isto não era uma utopia ou construcção, mas antes verdade real e realizavel. Sabendo que Deus "habita numa luz inaccessivel" (1. Tim. 6, 16), e "nunca ninguém viu a Deus (Jo. 1. 18), que, portanto, Christo era o Deus-humanado, exclama: "Ninguém pode lançar fundamento diverso do que foi lançado, que é: Jesus Christo". Christo, com isso, é o fundamento, e só Elle; e quem erer Nelle é "edificado" sobre o fundamento verdadeiro.

II. A Igreja comparada com uma "casa", etc. E' esta a primeira imagem que o apóstolo, frequentemente usa, falando da Igreja e comparando-a com uma "casa", "edifício" de Deus, "templo de Deus". Este edificio, esta casa, esta familia, todos têm de considerá-la como proprio lar. Aos Ef. 2, 19-22 diz elle: "Vós, portanto, já não sois hospedes e estrangeiros, sois concidadãos dos santos e membros da familia de Deus. Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e prophetas, sendo o mesmo Christo a pedra angular, em que todo o edificio levantado cresce." E' verdade que no logar citado tambem os apóstolos são chamados "fundamento"; mas, todavia, é indicado como "pedra angular" Christo, em que "todo o edificio levantado cresce para ser um templo santo do Senhor" (2,21). Christo é o ponto central. Por isso não ha nem pôde haver appellação alguma a qualquer homem. Aos Corinthios escreve quasi indignado: "Que é então Appollo, que é Paulo? ... Eu plantei, Appollo regou; mas o incremento Deus o

deu... Nós somos cooperadores de Deus; vós sois o campo que Deus cultiva, sois a casa que Deus edifica" (3,5-9).

Mais ainda: nesta "casa que Deus edifica" devem entrar não só os judeus que tinham "a adopção de filhos, a gloria, a alliança, a legislação, o culto e as promessas" (Rom. 9,4), mas devem, enfim, entrar todos os gentios que um dia "estavam sem Christo" (Ef. 2,12), elles "foram approximados pelo sangue de Christo..." (2,13-16). Pois, é verdade indiscutivel" e inabalavel o que escreveu aos Ef. "Já não sois hospedes...".

E é ante esta revelação santa e grandiosa que o Tarso com gripo duro ajunta a admoestação severa aos Cor. 3,16-19: "Se alguém violar o tempo de Deus, Deus o destruirá. Porque é santo o templo de Deus — que sois vós".

Porque é que S. Paulo julga de modo tão severo? Previa o vate santo as contrariedades que agitam, hoje, tantos e tantos espiritos, falando das relações entre comunidade e personalidade; Problema este que é, vezes tantas, discutido até entre os melhores catholicos de nossos dias,

Conhecia elle ou, ao menos, presentia elle, talvez, as perguntas intransigentes como estas: podemos supportar no terreno mais interior e personal, que é a religião, dictaduras, censuras, indices e leis que querem guiar ou — perdoem a palavra! — "conduzir em andadeiras" os nossos pensamentos e a nossa vida como o faz a Igreja? Não temos nós mesmos — queiramos ou não — a responsabilidade derradeira para o bem estar de nossa alma? Para que serve lá uma instituição aristocratica e mecanica da curia romana com aparelho embaraçado como o vimos? — Que a palavra de S. Paulo aos Cor. lhes seja uma resposta e admoestação.

III. A Igreja comparada com o "corpo", vivificada por "um só espirito", guiada e dominada por "uma cabeça visivel".

Uma segunda imagem, além das conhecidas, usa S. Paulo em sua doutrina sobre a Igreja: é a imagem do corpo. Já encontramos esta figura, misturada com outras, assim como o Tarso fala sempre em anacolutos, sendo mais intuitivo do que pensativo. Verdade é que a Igreja como reino de Deus, primeiramente, tem um caracter sobrenatural e — temporal, e celeste, por ser um reino invisivel, espiritual e eterno. Mas esta não é a sua característica unica. A Igreja tem igualmente caracter visivel, e ahi está a differença enorme entre catholicos e protestantes. Por ser a Igreja o reino de Deus, necessariamente não é uma mera ajuntamento qualquer desordenada, mas antes e sobretudo um organismo organico, ordenado e visivel. Não é a Igreja

segundo os neo-espiritualistas uma força incerta, desorientada, subjectiva. Ella é a comunidade objectiva e objectivada em que "tô pneuma tou Christou", o espirito de Christo todos une e vivifica na "communhão dos santos". Como totalidade a Igreja é uma união organica, é com o "Homo unicus", Christo, e com o Papa, o "Christo do Vaticano", um organismo perfeito, constituído pelo Christo invisível e visível. Desta unidade surge a sorte commum de todos os homens, "die Schicksalsgemeinschaft", que S. Paulo observa 2m 1. Cor. 12,20: "Se algo padece um membro, todos os membros padecem com elle; se um membro é honorificado, todos os membros se regosijam com elle". União de soffrimento e culpa, de alegria e graça! Comprehendemos agora, um pouco, da sorte commum de todos os povos, do mundo inteiro, sorte obscura, mas innegavel? — E' o mesmo mysterio que surge contemplando o prototypo desta união: a encarnação do "logos". Naquelle momento já se realizou a união do "logos" com o "Corpo de Christo" (soma tou Christou) e do reino de Deus entre os homens todos. Mas neste organismo grandioso todos concorrem, bem como os membros do corpo humano, segundo as suas funcções, para o bem e a conservação de todos. E eu devia citar o capitulo 12 da primeira epistola aos Corinthios em sua quasi totalidade para provar devidamente este pensamento paulino. Mas adeante! Porque um só corpo, tambem um só espirito. "Sois um só corpo e um só espirito (Ef. 4,3-6). E S. Agostinho observa: "Turpis est omnis pars universo suo non congruens".

Mas donde vem esta força unitiva? Quem é que verificou esta união? e quem a representa? — Primeiramente é Christo, e por todas as épocas depois Delle o Papa, como successor de Pedro e cabeça visível deste corpo. Todas as creaturas tem a sua synthese em Christo, "assim ás que ha no Céu, como as que ha na terra" (Ef. 1,10). "Enkapheléstai" em Christo, quer dizer: como que concentrado numa cabeça só. E o Papa, é a cabeça visível deste corpo, não é tanto autoridade por ser um despota, tyrano ou Cesar, como os adversarios do papado não cessam de bradar, antes elle tem esta influencia e autoridade por graça divina, servindo mesmo ao corpo todo em caridade e humildade. Pois, no reino divino não tem lugar "aquelle :katakalyrieiein" e "katzousiátzein" pagão. Christo mesmo é o exemplo desta mentalidade modesta e humilde. Elle, o "Filho dos homens", que por isso será o Senhor dos dias vindouros, o Rei "kat' eksochen".

Vemos na Igreja a synthese da "caritas unitatis et fraternitatis", da caridade da unidade e fraternidade; vemos realizado o sonho moderno da igualdade moderna. Nesta casa só habitam "non nisi con-

cordes atque unanimes”, que são um coração e em plena unanimidade, como julgam Cypriano e Agostinho (de bapt.c.Don. 7,49). E’ o espirito Daquelle que com toda razão pôde affirmar: “Um é Vosso Mestre, vós todos sois irmãos”. — Cabeça e corpo — **UM CHRISTO!**

Mas outra vez encontramos uma exhortação, grave e seria. Diz Paulo, realistica e plasticamente, aos Cor. em sua primeira carta 6,15-17: “Não sabeis que os vossos corpos são membros de Christo? Tomando pois, os membros de Christo, fal-os-ei membros de uma prostituta? Longe disso! Ou não sabeis o que se ajunta com a prostituta se faz um mesmo corpo com ella? Porque (diz-se) serão dois em uma carne. Mas o que está unido ao Senhor, é um espirito com Elle”. — Escrevendo isto, adivinhou talvez S. Paulo a mentalidade de muitos dos liberaes de hoje que prostituem o corpo da Igreja, proclamando e realizando sempre mais uma autonomia desenfreiada e demoniaca, negando a autoridade de Christo e de Sua Igreja? Paulo, que diz aos Cor. 11,2: “Tenho vos desposado com um esposo, com Christo”, tinha elle, porventura, presentido o liberalismo da bolchevização, a negação e traição deste esposo, lutando com paixões desencadeadas contra Christo? Como é que podemos reconciliar estes “sem-autoridade” e estes “com-todas-as-liberdades” com a Igreja? — E outra multidão de perguntas e problemas apresentam outros a respeito das relações entre a “Ecclesia juris et caritatis”, entre a Igreja do codigo e da caridade, problemas estes que pôdem ser resolvidos, ouvindo e praticando os ensinamentos paulinos.

Unidade na Eucaristia (Conclusão) — Esta, pois, seja a nossa conclusão. Repetimos com outras palavras do “Ahasvero” divino de que só ha unidade, quando a base é Christo, e que ella sómente é realizada no corpo mystico de Christo. Aos Ef. 4, 13-16 escreve, dizendo que todos nós devemos esforçar-nos “até que chegamos todos á unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, á medida da idade da plenitude de Christo... praticando a verdade na caridade, crescamos a todos os respeitos Naquelle que é a cabeça: Christo do qual o corpo inteiro solidamente constituido é bem ligado, por todas as juntas que mutuamente se auxiliem, segundo uma proporcionada operação a cada membro, toma o incremento proprio do corpo, para a sua edificação na caridade”. “Omnia in Ipso constant”, tudo consta Nelle (Ef. 4,15; Col. 1,17).

Unidade de tal maneira só vemos symbolizada e afiançada no sacramento do Corpo e Sangue de Jesus Christo. Neste agape, a “communio sanctorum” é symbolizada e afiançada pela “communio corporis et sanguinis Christi”. O corpo mystico de Christo e o corpo sa-

cramental de Jesus, formam, necessariamente, uma unidade completa.

Por conseguinte:

quem nega a Igreja, nega a Eucaristia,

e

quem nega a Eucaristia, nega a Igreja.

Um não pôde existir sem o outro. "O calix de benção que benze-
mos, não é, porventura, a communhão de Sangue de Christo? e o pão
que distribuimos, não é a participação do corpo de Christo? Porque é
um só pão, também somos um só corpo. Pois todos participamos de um
mesmo pão." (1. Cor. 10,16-17). Esta communhão na Eucaristia im-
prime em nossas almas o zelo e a signa de Christo: **somos Christo-**
pheros!

Esta communhão na Eucaristia faz que **cada um** seja um santua-
rio de Deus: **Christo em mim e eu Nelle!**

Unidade **individual** com Christo e unidade de **todos** em Christo:
eis a harmonia e o mais profundo na doutrina do "Doctor gentium"
sobre a Igreja de Christo!

Portanto: por mais insensatas e demoniacas e radicaes que sejam
as tentativas do mundo atheu de hoje, — pois, mais do que tentativas
não são! — sejam ellas quaes forem, repito, não ha de negar o que o
espírito do Tarso escreveu com griphe seguro e eterno:

— "Ninguem pôde lançar fundamento diverso do que foi lançado
que é: **JESUS CHRISTO**". (1. Cor. 3,11).

PETROPOLIS, actus academicos 10 — V — 1934.

O CASAMENTO RELIGIOSO

JOÃO DA GAMA CERQUEIRA

No casamento, segundo a Igreja, o sacramento não se separa, nem se distingue, do contracto natural pelo qual os esposos se unem um ao outro. Esse contracto e o sacramento, que dá existencia ao laço conjugal, são inseparaveis. Não ha, instituido por Jesus Christo, um casamento sobrenatural, ao lado ou acima do contracto natural, de modo a permittir que um seja da competencia da Igreja e outro da competencia disciplinadora da lei civil. O casamento, para o christão, é a propria união natural, elevada, pela graça, á dignidade do sacramento. Para o christão, portanto, só ha um casamento: o religioso. Dadas, porém, a projecção do casamento na sociedade humana e as relações que delle nascem, concernentes á familia e ao patrimonio, faz-se necessaria a intervenção da lei para regular e determinar os effeitos de ordem civil do casamento religioso, equiparando-o, sob este aspecto, ao casamento civil. Dahi a these da Igreja, segundo a qual o poder temporal só deve intervir, em materia de casamento, para regular seus effeitos quanto ás relações patrimoniaes dos esposos, á condição dos filhos, os direitos dos conjuges, á successão, etc. Isso não quer dizer que deva ser abolido o casamento instituido pela lei, porquanto aquellas mesmas relações juridicas oriundas das uniões não christãs precisam e devem ser disciplinadas. Para os christãos, porém, esse acto, que o nosso Codigo, como as leis de muitos outros Estados, procura cercar de um ceremonial calcado sobre as ceremonias religiosas, nada significa, sendo impotente para crear o laço conjugal. E se até agora as pessoas religiosas se submettiam ao casamento civil, era porque a lei não reconhecia, nem regulava, os effeitos do casamento religioso. Mas a dualidade do casamento e o conflicto entre a lei civil e as normas do casamento religioso trazem a inconveniencia de permittir que haja casamentos validos perante uma e invalidos perante outras, dando logar a graves conflictos de consciencia para as pessoas crentes. Tal situação, sem nenhum inconveniente, a não ser o sacrificio de certas convicções laicistas, mas com

o grande e real proveito de conciliar a lei com a consciencia dos individuos, podia ser facilmente resolvida se a lei reconhecesse simplesmente o casamento religioso, para attribuir-lhe os efeitos de ordem civil, aceitando-o como um facto juridico, isto é, como um acto capaz de gerar direitos que a lei, em beneficio da sociedade e da ordem publica, deve regular; e mantivesse o casamento civil para aquelles que, não sendo religiosos, quizessem, entretanto, legalizar sua união. Tal solução seria, no Brasil, a mais feliz, sobretudo se se ponderar que não traria nenhum violento desaccordo entre os impedimentos legais do Codigo e os das leis christãs, eis que a lei civil, feita sob a influencia da moral e dos costumes christãos, coincide singularmente, neste ponto, com o que dispõem as normas religiosas, sobretudo as da Igreja Catholica. Essa solução, porém, não foi a acolhida pela Constituição de 16 de Julho, que preferiu attribuir efeitos civis ao casamento religioso, condicionados, porém, ao que dispõe seu art. 146. Foi uma pequena concessão feita ao sentimento religioso do paiz, uma pequena transigencia, sobretudo, aos reclamos da consciencia catholica dos brasileiros. Mas foi uma victoria.

Precisa tratar, agora, a nova Camara, de regulamentar o art. 146 da Constituição. Commentando o projecto do Pe. Arruda Camara, apresentado á Camara extincta e as emendas que lhe foram apresentadas, o "O Estado de São Paulo", em uma de suas "notas", partindo do errado presupposto de que muitos entendem que o casamento religioso foi equiparado ao civil, dispensando, para sua validade, qualquer intervenção da autoridade civil, affirma que o dispositivo do art. 146 não tem sido bem interpretado, mostrando-se temeroso de que as formalidades civis, na pratica, venham a ser abolidas e propondo que a lei declare nullo o casamento effectuado mediante falsas provas da habilitação exigida pela Constituição, ou prova falsa de que a habilitação se fez, ou sem prova alguma de que ella se houvesse feito.

Não nos parece que, deante da clareza do texto constitucional, seja possivel o engano que a referida nota se apressa em desfazer e que as alludidas emendas afastam, "sem deixar sombra de duvidas". Nem nos parece, tambem, que seja necessaria a medida suggerida pela "nota" a que alludimos, como, aliás, o demonstrou o deputado sr. Barros Penteado, medida não só desnecessaria, como, de certo modo, absurda.

A Constituição attribuiu efeitos civis ao casamento religioso, mas condicionou esses efeitos, de modo claro, não só á inscripção do casamento religioso no registro civil, como tambem á observancia da lei no que respeita á previa habilitação dos nubentes, perante a autori-

dade competente, á verificação dos impedimentos e, finalmente, á observancia do processo de sua opposição. Não ha como entender de modo differente o dispositivo constitucional; e as emendas, nesse ponto, nada esclarecem, porque nada ha de obscuro a esclarecer, mas repetem, com as mesmas palavras, o que se contem na Constituição. Demais a mais, a autoridade civil reservou para si, no assumpto, toda a supremacia, dentro do novo regimen, de modo a impedir que a ordem civil venha a soffrer com suppostos abusos das autoridades religiosas. De facto, o poder publico nenhuma garantia maior poderia exigir do que confiar ás suas autoridades o registro do casamento religioso, formalidade essencial á sua validade para os effeitos civis; pois essas autoridades, antes de effectuarem ou ordenarem o registro, verificarão se foram, ou não, cumpridas as exigencias da Constituição. E, constatada qualquer infracção á lei, competir-lhes-á recusar a inscripção, scientificando os interessados da irregularidade de seu casamento para os effeitos previstos no art. 146. Na regulamentação deste artigo, portanto, basta, quanto a este ponto, que a lei determine o seguinte: que, processada a habilitação perante a autoridade competente, de accordo com a legislação de cada Estado, os autos respectivos sejam conservados em seu poder, fazendo-se o registro do casamento religioso mediante a prova de sua celebração, exhibida pelos interessados, em prazo determinado, desde que a qualificação dos contrahentes coincida com a dos habilitados. Nada mais facil, nem mais simples.

(Aliás, é justamente neste ponto que nos parece estar sendo mal interpretado o texto constitucional. E' necessario attender-se para isto: a Constituição declara que, satisfeitas certas condições, o casamento religioso produzirá os mesmos effeitos que o civil. Refere-se, portanto, a um facto consummado, a um facto preterito, que é o casamento realizado (note-se bem) perante os ministros das confissões religiosas. A função da autoridade civil, portanto, resume-se na posterior verificação do cumprimento das formalidades exigidas pela Constituição. Consequentemente, a regulamentação do art. 146 deve cingir-se á inscripção do casamento, não podendo abranger factos anteriores á sua celebração, que lhe são indifferentes e que a Constituição não previu. Do contrario, a lei exorbitará e será nulla por inconstitucional.

Assim, porém, não entenderam os autores das emendas e, visando regulamentar o art. 146, o que fizeram foi legislar sobre o casamento religioso, já obrigando os ministros a se inscreverem como competentes para sua celebração, já fazendo a celebração do casamento depender da apresentação do auto de habilitação, já, finalmen-

te, dispondo sobre a prova do casamento religioso e exigindo a presença de testemunhas. Mais longe foi ainda o deputado B. Penteado, dispondo sobre a propria celebração do casamento, á qual manda applicar diversas disposições da lei civil, com o que os casamentos, em todas as religiões, passariam a obedecer a certas normas communs, substituidas ao seu rito proprio, ou a elle accrescentadas. E, para que nada falte, a emenda determina que o sacerdote pronuncie, no acto, além da formula sacramental de sua religião, a formula leiga do Código Civil. Por sua vez, a "nota" do "O Estado" suggeria que a lei declarasse nullo o casamento religioso, se realizado sem as provas de habilitação... Das emendas referidas aproveitam-se o art. 6º, que determina o prazo em que deve ser exhibida a prova do casamento, e seu § unico, declarando que, feito o registro, os effeitos do casamento retroagem á data de sua celebração.

Facil, sem duvida, é a regulamentação do texto constitucional, sem o perigo dos abusos de que tanto se arreceia o articulista do "O Estado". Que não se inutilize, pois, ainda que involuntariamente, com uma descabida, desnecessaria e excessiva regulamentação, uma das mais legitimas conquistas do catholicismo no Brasil. Recorde-se o que escreveu Tristão de Athayde sobre os "perigos da victoria", relativamente ás reivindicações catholicas incorporadas á Constituição.

DEANTE DO EVANGELHO

MURILLO MENDES

Estão encerradas neste livro
Todas as palavras que dissemos e que diremos
Aqui estão nossas acções boas e más
Aqui está o germen da poesia,
Aqui estão todos os nossos poemas, até os futuros.
Aqui está nossa condenação e nossa salvação.
Aqui está o que aconteceu e o que acontecerá.
Aqui está contido o mysterio de Deus
Que se esclarecerá aos nossos olhos
Quando todas as combinações do Universo se fizerem
E o Anjo do Grande Conselho desvelar a eternidade.
A Igreja foi feita para guardar este livro.
A rotativa foi feita para imprimir este livro.
O avião foi feito para transportar este livro.
Musa, ajoelha-te.
Poetas, ajoelháe-vos.
Povos sem conta, ajoelhae-vos.
Ajoelhemo-nos todos, incensemos este livro.

PENTECOSTES

Um vento impetuoso que ninguem sabe de onde vem
Penetra na sala rustica onde estão os apóstolos;
Sopra sobre todos, entra nelles de alto a baixo;
Immediatamente todos se communicam e se entendem,
Ha uma transfusão de almas inesperada.
O vento sopra mais, divide-se em linguas de fogo,
O espirito dos homens se abre e a terra se renova.
O vento continúa, formidavel, a soprar,
Sáe da sala, percorre os montes, as planicies, as cidades,

Derruba os idolos, despedaça o Imperio Romano,
Levanta Igrejas, conventos, laboratorios, livrarias, hospitaes,
Cura leprosos, ressuscita agonizantes e mortos,
Inspira aos homens um desejo universal de amor,
Atravessa os tempos, continúa, circular, soprando,
Move minha alma que move meu corpo que move minha penna,
Desnorteia os constructores do mundo material,
Impelle de novo os homens ao seu Fim supremo
E continuará amanhã e até á consumação das épocas
Levando a todos o Espirito consolador e verdadeiro.

Leiam

S. THOMAZ DE AQUINO — SUMA THEOLOGICA — Traducção portugueza de Alexandre Correia — Um volume de 484 pags. com texto latino, brochado 40\$000.

Pedidos á Bibliotheca Anchieta — Praça 15 de Novembro, 101-2.º — C. P. 249 — Rio.

ANALYSANDO O "MANUEL E'LE'MENTAIRE DE SOCIOLOGIE" DE RENE' HUBERT,

RESPONDER AO SEGUINTE QUESTIONARIO:

- 1) — Qual o objecto da sociologia e quaes os postulados implicitos e expressos?
- 2) — Quaes as conclusões historicas duvidosas ou mal estabelecidas?
- 3) — Quaes as contradicções?
- 4) — Quaes as doutrinas philosophicas adoptadas?

ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ

1ª Questão: qual o objecto da sociologia e quaes os postulados expressos e implicitos?

"La Sociologie ou Science sociale est la science des faits sociaux." (pg. 1).

Como definir os factos sociaes que constituem o objecto da sociologia? "Est fait social, toute manière de faire, fixée ou non, susceptible d'exercer sur l'individu une contrainte extérieure, ou bien encore, qui est générale dans l'étendue d'une société donnée tout en ayant une existence propre, indépendante de ses manifestations individuelles." (pag. 20).

Essa é a definição tirada de Durkheim e que Hubert se propõe a melhorar e completar.

E' de opinião que os factos sociaes ou representações collectivas não têm realidade formal externa, transcendental aos individuos, mas existem apenas na consciencia individual sendo resultados da abstracção com fundamento nas realidades externas materiaes. E' o que parece significar o texto:

"Il reste qu'en définissant les phénomènes sociaux comme extérieurs à la conscience individuelle, on n'atteint pas encore leur véritable nature: en réalité ils se retrouvent dans chaque conscience in-

dividuelle, sous forme d'acquiescements ou d'aspirations plus ou moins nettement perçus." (pg. 20).

Apesar de não terem realidade formal externa, transcendental aos individuos, no entanto póde se postular esta realidade como unica base possivel da sciencia social: "Dans ce cas, l'affirmation des faits sociaux comme extérieurs et collectifs serait en réalité le résultat d'une abstraction, ou, si l'on veut encore, un postulat, fondé d'ailleurs dans la nature des choses, et qui rendrait seul possible l'édification de la science sociale." (pg. 21).

Mas qual será a natureza do facto social?... "la vérité est que la société se résout en représentations collectives, mais que ces représentations n'existent que dans des consciences individuelles, et que c'est en définitive dans ces consciences que tout se produit et se transforme." (pg. 21).

Dahi se conclue naturellement que os factos sociaes são factos de consciencia individual ou psicologicos.

Mas si elles teem no individuo a sua origem e a causa de sua transformação, são então de natureza psychica e a sociologia se confunde com a psychologia?

Não; apesar de essencialmente psychologico o facto social, o ponto de vista do sociologo é diverso mas não exclusivo do psychologo: "La sociologie, comme toute science, est un point de vue sur les choses réelles, dont la légitimité n'est pas niée, mais qui n'exclut pas pour autant d'autres points de vue, tels que ceux de l'historien ou du psychologue".

Deste ponto de vista a sociologia observa os factos sociaes e "fait abstraction des individus à leur élaboration" (pag. 22).

"Aussi est-il indispensable de rappeler que nous ne saisissons qu'exceptionnellement les faits sociaux au moment où ils s'élaborent." (pg. 22).

"Nous les atteignons quand ils se sont exprimés, solidifiés en quelque sorte en institutions, en productions artistiques ou économiques."

Depois de uma analyse tão prolongada do objecto da sociologia, Hubert acaba, como Durkheim, adoptando a formula de Mauss e Faconnet: factos sociaes são as instituições sociaes.

Deixa de lado o que ha de mais interessante no phenomeno social o aspecto dinamico, o que nelle ha de "vie active, créatrice et peut-être spontanée" para se preocupar apenas com as "realidades materiaes" que "présentent des caractères tangibles" (pg. 22).

Postulados contidos na definição:

1º) o do realismo social: "Dans ce cas, l'affirmation des faits

sociaux comme extérieurs et collectifs serait en réalité le résultat d'une abstraction, ou, si l'on veut encore, un postulat, fondé d'ailleurs dans la nature des choses, et qui rendrait seul possible l'édification de la science sociale". (pg. 21).

2º) o da natureza psychica do facto social: "ces représentations (collectives) n'existent que dans des consciences individuelles, et c'est en définitive dans ces consciences que tout se produit et se transforme".

3º) o da legitimidade da abstracção — pois si esta operação do espirito deformasse a realidade, ella não tornaria "possible l'édification de la science sociale".

2ª Questão: Quaes as conclusões historicas duvidosas ou mal estabelecidas?

1º) — A familia primitiva é uma formação social: o clan. O parentesco não vem da consanguinidade mas da crença na participação de um mesmo "totem".

"Le clan est donc tout d'abord une institution familiale. Mais cette institution a ceci de très particulier qu'elle ne repose pas sur la parenté physique, sur la consanguinité. ... le clan est un groupement d'individus qui se considèrent comme parents les uns des autres, mais qui reconnaissent cette parenté à ce signe très particulier qu'ils sont porteurs d'un même totem" (pg. 62).

Critica: "Du Passage no seu manual "Notions de Sociologie" refuta essa opinião com o exemplo dos Pygmeus.

"Or, chez ces peuplades, la famille apparait stable, généralement monogame, entourée d'une discipline sévère et basée sur une tradition solide. La femme y est pourvue de droits analogues à ceux du mari, l'éducation des enfants est l'objet des soins et de l'attention des parents".

"C'est donc bien, au stade le plus primitif qu'il nous soit donné de connaître, la famille stable, monogame, fondée par les liens de la filiation et de la consanguinité qui apparait ici à l'état naturel et comme la cellule originelle de la société".

2º) A lei de exogamia é explicada pelo totemismo.

"... cette règle porte le nom d'exogamie: tout membre d'un clan a pour obligation stricte de se marier au dehors du clan. Le totem étant la substance même du groupe social, son principe vivifiant et protecteur, doit être sacré pour tous les membres du groupe" (pg. 64).

Critica: Essa opinião é duvidosa e contestada.

Frazer no seu livro "Totemism and Exogamy" diz que a regra ás

exogamia, não tem relação alguma com o totemismo mas ao contrario em tribus australianas coexistem o totemismo e o regimen endogamico.

Tambem Du Passage lhe é contrario: "Et à côté de cette institution familiale, base de l'organisation civique (d'ailleurs rudimentaire) de la tribu, l'on ne retrouve guère chez les Pygmées (sauf dans une branche) le totemisme matrimonial avec ses exigences d'exogamie".

3º) Toda a crença religiosa tem uma origem social: provem do totemismo.

"il reste donc que le totemisme collectif soit la forme primitive de la pensée religieuse".

Critica: Du Passage dirige contra Durkheim, sobre o mesmo assumpto a seguinte critica: "On est d'abord en droit d'être surpris d'entendre une école qui, à tout moment se vante d'être réaliste, scientifique, positive, apporter avec cette assurance, une thèse qui pourrait bien être surtout préconçue, et généraliser à son service des faits touffus, confus.

Ces faits sont d'abord mal connus. Ils sont ensuite d'une interpretation difficile. La preuve en serait fournie déjà par la seule diversité des avis à leur sujet. Car, tandis que Durkheim y voit l'existence du mana primitif, le sentiment collectif partout répandu d'une force impersonnelle, voici que d'autres font, dans ces mêmes fourrés, d'étranges et différentes decouvertes.

Ce sont les naturistes qui avec Max Muller, estiment plutôt qu'à l'origine les hommes ont personnifié les forces de la nature sous le nom de divinités symboliques. Ce sont surtout les animistes qui avec leur chef Tylor, pensent que les premiers essais religieux ont consisté à peupler l'univers de nombreux esprits ou génies anonymes sur le type de l'ame separée du corps."

4º) São intimamente ligados, o "mana" e o "totem".

"La representation centrale du totemisme est celle du mana." (pg. 88).

Critica: "Mais voici qu'une fissure ou une scission s'introduit dans cet assemblage qu'on nous donnait pour indissoluble. Car un observateur Codringum, qui a vécu vingt ans parmi les populations oceaniennes (Polynésiens et Mélanésiens) y a bien constaté la croyance au mana sans relever chez elles aucune trace de totemisme." (Du Passage, pg. 210).

5º) As religiões evoluem do polytheismo ao monotheismo.

"Les croyances religieuses tendent vers un monothéisme spiri-
tualiste," (pg. 394).

Critica: Os judeus começaram pelo monotheismo e no entanto varias vezes só pela força foi desviada a tendencia ao fetichismo.

6º) A magia é a fonte das sciencias.

“Or les différentes sciences sont progressivement sorties des pratiques magiques correspondentes, l'arithmétique des spéculations sur les propriétés magiques des nombres, la géométrie des spéculations sur les propriétés magiques des figures, la physique des spéculations sur les propriétés magiques des corps, l'astronomie de l'astrologie, la chimie de l'alchimie, la biologie de la thérapeutique magique”. (pg. 131).

Critica: Bien loin de preparer la venue de la science comme on l'a prétendu, elle (la magie) a été le grand obstacle contre lequel le savoir methodique eut à lutter. Ne parlons donc pas d'une ère de la magie à laquelle aurait succédé celle de la science. Disons que la science et la magie sont également naturelles, qu'elles ont toujours coexisté. (Bergson “Les deux sources de la religion et de la morale” (pp. 182, 185).

3ª Questão: Quaes as contradicções?

1º) Ao definir a sociedade, diz:

á pg. 21: “la société se résout en représentations collectives, mais ces représentations n'existent que dans des consciences individuelles”,...

á pg. 307: “l'existence sociale consiste en un système de représentations extérieures et supérieures à la conscience individuelle”.

2º) Ao tratar do factor individual agindo sobre o phenomeno social, assim se exprime:

pg. 34: “Pas plus au point de vue technique qu'au point de vue intellectuel, l'action personnelle des individus ne se laisse totalement supprimer.”

pg. 313: “Les faits économiques présentent les mêmes caractères que tous les faits sociaux en général: ils se produisent indépendamment de la volonté des individus”.

3º) Explicando o phenomeno religioso pergunta,

á pg. 118: “L'explication sociologique épuise-t-elle le contenu du phénomène religieux? C'est une question qu'encore une fois nous n'avons pas à résoudre ici.”

á pg. 100, no entanto, responde á pergunta chamando de meramente social o phenomeno religioso:

“Or l'analyse des formes élémentaires de la vie religieuse nous a révélé que la religion était une manière de transfiguration de l'organisation sociale: la puissance religieuse n'est autre que celle qui émane de la société elle-même.

“A tous les stades de son développement, la société reste la source d’où jaillissent spontanément les dogmes et la foi”.

4º) Tratando do sentimento do dever, diz que elle

“Consiste dans la conscience d’une obligation, qui indépendamment de tout motif d’intérêt et de mobile de sympathie, s’impose á l’activité personnelle.” (pg. 307).

Mas qual é a fonte da moralidade? Uma coisa nos apparece como moralmente boa ou má relativamente a um criterio exterior ao individuo ou á propria consciencia individual?

Na mesma pagina Hubert admitte as duas soluções:

“elles (les représentations collectives) apparaissent comme des ordres d’une autorité qui, supérieure á la pensée individuelle, ne peut être par conséquent que l’autorité divine. (pg. 308).

“Ce n’est pas á dire d’ailleurs que ces contraintes soient senties comme véritablement extérieures á la conscience individuelle.

Tout au contraire la contrainte s’exerce-t-elle en quelque sorte du dedans, á l’intérieur de la conscience elle-même, précisément parce que la société est immanente á elle.” (pg. 308).

4ª Questão: Quaes as doutrinas philosophicas adoptadas?

1ª) “la cause determinante d’un fait social doit toujours être cherchée dans d’autres faits sociaux antécédents” (pg. 33).

Critica: “Cette règle ne signifie point que, dans l’explication des événements de l’histoire, il faut avoir égard á la cooperation du milieu et qu’il ne suffit pas de noter les gestes des hommes, ceux-ci fussent-ils des héros ou des génies. Elle nie implicitement l’action du facteur individuel, elle affirme que la cause determinante d’un fait social est exclusivement un autre fait social. En un mot, la prétendue règle de methode enveloppe une doctrine”. (Deploige).

2º) O criterio da moralidade de um acto é a sua generalidade.

“Il est légitime de dire que le social et le moral coincident exactement”.

Um acto é moral quando é geral, isto é, quando se produz na media dos individuos; é bom, pois a sociedade não desejaria alguma coisa que não fosse util á sua propria conservação.

O criterio é, pois, a utilidade em ultima analyse.

Ora, esse criterio é falho, pois, em 1º lugar é particular e o particular não póde ser ponto de referencia nesse sentido; em segundo lugar é mutavel, e a verdade e o Bem devem ser immutaveis.

3º) Concepção da educação como a socialização methodica da geração joven.

“Les sociologues ont fait remarquer, en effet, que toute éduca-

tion avait pour objet d'adapter l'enfant à la forme de société dans laquelle il serait appelé à vivre, de le socialiser". (pg. 421).

E Hubert concorda plenamente com esses sociologos, dizendo á pg. 1: "l'education en particulier n'a pas d'autre objet que de l'adapter (l'individu) á cet ensemble de coutumes, de faire pénétrer en lui ces croyances, en un mot de le socialiser."

LETRAS CONTEMPORANEAS

JONATHAS SERRANO

EVERARDO BACKHEUSER — "Technica da Pedagogia Moderna" (Theoria e pratica da Escola Nova) — Civilização Brasileira — 1934.

Insistir na importancia das questões de educação em nossa época é repetir uma verdade já trivializada. "O seculo da criança" continua no "seculo do adolescente", que é, tambem "o seculo do homem adulto", de todas as idades, de ambos os sexos e de quaesquer condições sociaes.

Já agora é impossivel fechar olhos e ouvidos a esta evidencia: o problema educacional é o problema basico, a questão precipua, sem cuja solução nada é possivel obter de estavel nem de verdadeiramente salutar para a sociedade.

Aqui no Brasil, nestes ultimos annos, a preocupação com os assumptos pedagogicos, theoricos e praticos, tem attingido um maximo, jámais outrora observado, nem na profundidade, nem em extensão. E' sufficiente percorrer catalogos e verificar o numero de trabalhos estrangeiros traduzidos para o vernaculo.

A produccão genuinamente brasileira é menor, mas ainda assim é apreciavel em quantidade, senão sempre em qualidade.

Livros, revistas, conferencias, congressos, semanas de educação: ha de tudo, em diversas direcções, com maior ou menor eficiencia. Discutem-se planos educacionaes, fundam-se associações, suggerem-se novas reformas e novos programmas. Qualquer que seja o ponto de vista adoptado para julgar esses movimentos — de applauso ou de combate, de simples curiosidade ou de mera desconfiança — é patente e innegavel que os assumptos relativos ao ensino estão na ordem do dia, aqui e no resto do mundo.

O livro do professor Everardo Backheuser, publicado já ha alguns mezes, nada perdeu ainda, nem perderá tão cedo, da sua oportunidade e da sua eficiencia.

Discutir-o, analysal-o, combatel-o ou subscrever-lhe os conceitos é, em summa, debater o grande problema da hora.

* * *

Desde o primeiro, ao iniciar as "considerações geraes" indispensaveis para melhor comprehensão da materia, o prof. Everardo Backheuser sublinha, por equívoca, a expressão **escola nova**. E com razão observa, a seu respeito, que "ambigua e vaga, pode dar logar a varias interpretações. Já Lourenço Filho o havia mostrado, desde 1930. Também nós o tínhamos assinalado. O prof. Backheuser, honestamente, o relembra, confirmando-o. "Nova, que em linguagem vulgar significa apenas o opposto de **antiga**, em pedagogia quer dizer também "o que não obedece á tradição do ensino", isto é, caracteriza, como veremos, no correr deste livro, muitos outros principios postos agora em evidenciado destaque. **Escola nova** equivale realmente a **escola renovada**, ou, talvez, a **escola renovadora**."

Mostra o autor a confusão existente no proprio campo da chamada Escola Nova pela simples enumeração dos mais reputados dos seus precursores ou corypheus. E', de facto, uma theoria de vultos notaveis, alguns até devéras eminentes mas dispares no valor e nas idéas, incapazes de formar um todo harmonico. "Rousseau, Dewey, Spencer, Pestillozi, Kerschensteiner, Lunacharsky, Herbert, Decroly, Ferrière, Natorp e tantos outros."

Não satisfazem as denominações de "escola activa", nem de "escola progressiva", nem de "pedagogia social".

A escola, na orientação moderna, não cuida apenas da educação social, mas é um mixto de desvelos pelo individuo em si e pelo individuo como membro da communitade social." De accordo. A doutrina social radical da educação é um erro. De Hovre, magistralmente o denuncia e refuta no seu "Essai de Philosophie Pédagogique". "No ideal visado pela educação e pela formação, cumpre fazer sobresair com energia a distincção de que o homem é mais do que um simples ser profissional, mais do que um ser social, do que um ser sexual, do que um cidadão. A socialidade deve ser subordinada á personalidade; esta á moralidade, e esta ultima á religiosidade."

E é aqui sobretudo que apparece (e De Hovre o põe em magnifica evidencia) a perenne juventude da educação christã tradicional.

Everardo Backheuser o reconhece e exprime em forma clara e concisa: "Toda a vida humana, economica como social, soffre a acção dessas duas forças: o centripetismo egocentrico, e um tanto egoista, e o centrifugismo associativo até certo ponto altruistico, ou seja o interesse proprio e o mutuo auxilio; a luta pela vida e a cooperação."

Nem deve preponderar exclusivamente nenhuma dessas duas grandes forças. Cabe á educação disciplinal-as e oriental-as. Se uma fôr olhada com prejuizo da outra, haverá erro de unilateralismo. "Foi a assim a escola nova, por caminhos agnosticos, a lapidar formula christã de "amor ao proximo como a si mesmo."

* * *

O livro do prof. Everardo Backheuser analysa os principios cardeaes da Escola Nova em multiplos aspectos: o philosophico, o psychologico e o politico. No terreno da philosophia os extremismos são tambem unilateralismos. Socialistas e communistas, de um lado, individualistas, do outro, exaggeram e, afinal, torcem a realidade.

"Entre o exaggero individualista e o exaggero socialista — o ponderado meio termo catholico."

Estamos de perfeito accordo. Mas gostaríamos de que o prof. Backheuser, apontando esse "ponderado meio termo catholico", mostrasse que, sem cair no individualismo, póde elle ver, com vantagens para o individuo e a sociedade, aquelle particularismo de que Henri de Tourville traçou magistralmente as origens e a evolução historica.

O capitulo sobre a Escola Unica é, sem duvida, um dos mais importantes de todo o volume. Ahi se examinam pontos de extrema delicadeza e de toda a actualidade. "Como a palavra unica exerce fascinação sobre os espiritos, cada pedagogo ou sociologo vae dando á locução escola unica cambiantes a seu geito, com certo frenesi innovador se apega a uma das interpretações, deixando em olvido as outras. Tenhamos pois, todos nós, cuidado, quando ouvirmos defesas ou ataques á escola unica. Erros de visão podem ensejar desentendimentos e aggressões intempestivas. Basta, para a controversia, que collocado um em certo angulo do terreno desconheça o ponto de vista do outro. Si se deve ser contra, a escola unica anti-regional, anti-confesional, coeducativa e obrigatoriamente official ou officializada, nada impede de applaudir e recommendar a escola unica gratuita, aberta a todas as classes sociaes, abastadas ou pobres, e principalmente de applaudir e recommendar a escola unica com o feitio unitario da Einheistsschule allem."

* * *

O capitulo consagrado ás sciencias correlatas da Pedagogia é dos mais interessantes e merece toda a attenção do leitor. Com razão insiste o prof. Backheuser em dizer "que não ha departamento educacional estanque. Todos — os da educação physica como os da educação intellectual e moral — se mantêm ligados como vasos communicantes. A alteração de nivel em um, repercute nos demais."

E' o que, não raro, certos educadores parece que olvidam, ao menos praticamente. Deploravel esquecimento. "A educação ou é integral, ou não é educação."

Esta educação integral — physica, manual, scientifica, artistica, economica, social e politica, moral e religiosa — estuda-a o autor — em capitulo especial, o quinto do volume, um dos mais significativos da orientação e do espirito de toda a obra. Ao encerral-o, e citando Forster, sublinha o prof. Everardo Backheuser a importancia da educação moral: "a formação moral dos individuos é a base de toda reforma social". Ora formação moral equivale a formação do character, que vem a ser em ultima analyse o objectivo principal da educação moral.

Nos demais capitulos são estudadas a iniciativa do alumno, a cooperação (entre paes e filhos, entre professores e alumnos, entre escola e lar, entre os proprios alumnos e entre os diversos professores), assim como varias minucias technicas da Escola Nova (excursões, centros de interesse, projectos, planos, dramatizações, etc., etc.)

* * *

O livro do prof. Everardo Backheuser é fruto de uma larga erudição e de um conhecimento directo dos meios educacionaes, aqui e na Europa, sobretudo na Allemanha. Cientista, geologo, politico militante outrora, hoje catholico integral, convertido e apostolo da boa causa, o autor desse volume é um espirito lucido, equilibrado, que conserva os methodos apreciaveis das sciencias experimentaes, claro, correcto e ás vezes, até elegante sem preocupação de purismo, amigo dos processos novos sem exaggerações de fanatico, — porque ha fanaticismo em todos os dominios, com signal mais ou com signal menos — velho pela experiencia e joven pelo sadio entusiasmo e pela confiança no futuro.

Do seu livro disse com razão Leonel Franca: é um dos mais sérios e mais completos da nossa literatura pedagogica.

REGISTRO

PERILLO GOMES

DESACERTOS NA ALLEMANHA

A opinião internacional cada dia menos se inclina em favor da Allemanha. E' sabido que para este estado de espirito muito ha contribuido a circumstancia de pertencerem a judeus grande parte da grande imprensa mundial e quasi todas as grandes agencias telegraphicas e de informações hoje conhecidas. Porém começa a generalizar-se entre os que haviam permanecido fieis em sua sympathia ao povo germanico a convicção de que a campanha semita está sendo largamente favorecida por innegaveis desacertos de sua politica. Um destes desacertos a que mais frequentemente se allude, reside no que concerne á politica religiosa actual da Allemanha. Já agora, dizem, é patente que a corrente que pugna pela repaganização, a titulo de nacionalismo, do povo allemão, domina nos meios officiaes. E este dominio, a bem dizer, se assignala desde que a Concordata negociada por Hitler com o Vaticano passou a soffrer os primeiros ultrages. Desde esse tempo quasi não se passa dia sem que uma ou outra autoridade, grande ou pequena, tome deliberações contrarias ao accordado naquelle documento. Recentemente um novo acto do presidente da Officina de Imprensa do Reich, entre outras disposições vexatorias para o jornalismo naquelle paiz, prohibe toda imprensa de character confessional. Já o Nuncio de Sua Santidade em Berlim fez sentir a quem de direito, o protesto do Santo Padre por mais esta flagrante violação da alludida Concordata. Com o nacional-socialismo allemão porém, segundo recente artigo de Goering, tem foros de doutrina o "facto consummado". Toda gente medianamente razoavel póde imaginar que perigos encerra para a vida internacional uma politica baseada sobre tão seductor porém falso principio. De resto não é justificando o espirito de aventura que os politicos allemães corrigirão os possiveis desacertos em que accaso hajam incorrido, e desarmarão em respeito ao seu paiz, as prevenções da opinião internacional.

CONTRA O CINE IMMORAL

Em Madrid acaba de realizar-se uma semana dedicada a combater o cine immoral. E' sabidissimo que não ha meio mais efficaz para a diffusão da immoralidade que o cinematographo. Em primeiro logar porque elle attrahe ás suas salas toda a gente: meninos, jovens, homens maduros como senhoras de idade, o operario como o capitalista, o escriptor, a cozinheira, o literato, etc., etc. Em segundo logar porque elle possui uma arte propria na maneira de apresentar os assumptos mais escabrosos e de conquistar em favor da crapula as sympathias das almas desprevenidas. Com effeito, elle insinua seus themas com prudencia e apresenta as scenas do vicio como aspectos naturaes da vida em sociedade. O adulterio, o divorcio, a

embriaguez, o suicídio, etc., encontram frequentemente nos "films" explicações galantes e sentimentaes. Falemos a uma joven "habituée" dos cines. Notaremos que, em via de regra, ella já se encontra sufficientemente instruida no que concerne aos delictos contra a santidade da vida matrimonial, e inclinada á complacencia para com os maridos licenciosos ou as mulheres infieis. Sobretudo encontra-se interiormente convicta de que a infelicidade de um casamento infortunado só se repara com outro casamento, que desde logo acredita, só poderá ser afortunado. Ella continua "filha de familia" porém, na maioria dos casos, mais amiga da vida mundana que do ambiente do lar domestico, e em tantos outros, esquecida de que o pudor e a modestia são virtudes inseparaveis da graça feminina. E' que em su'alma se constata já uma certa anesthesia da consciencia, um certo enfraquecimento das resistencias moraes, o que favorece a acção das potencias do mal que fazem alvo sobre a sua natural candura e virgindade. Depois desta verificação, que está no alcance de cada um, será acaso necessario alinhar outras razões para applaudir calorosamente a campanha que esta semana se realizou em Madrid, e desejar que em nosso paiz, quanto antes, emprehendamos um esforço igual?

UMA PHRASE DE MACDONALD

A proposito das negociações com a Allemanha, relacionadas com os successos do restabelecimento do serviço militar naquelle paiz, o sr. MacDonald, chefe do governo inglez, publicou um artigo em uma revista do seu partido, que foi vivamente commentado. Uma parte da imprensa ingleza, a este proposito, o accusou de faltar aos deveres de discreção, pondo em perigo a cordialidade das relações do povo germanico com o povo britannico. Advertido desta critica o "primeiro" inglez limitou-se a dizer que realmente não nutria grandes sympathias pela diplomacia secreta, porém que estimava ainda menos "a diplomacia dos jornaes que querem aumentar sua tiragem e a dos partidos que andam á cata de eleitores". Sem duvida nenhuma o segredo continua sendo um dos elementos de exito nas negociações diplomaticas. Salta aos olhos, que uma diplomacia feita á luz do dia como preconizam os socialistas, estaria destinada aos mais ruidosos fracassos. O segredo é a alma do negocio, já o diz a sabedoria popular. Não obstante MacDonald tem razão na attitude desdenhosa que assumiu para com os seus censores. Effectivamente a imprensa, a grande imprensa, a que a si propria se intitula de neutral, mesmo em casos de tanta gravidade, não costuma orientar seu commentario no sentido da boa fé e do desinteresse. E até ás suas paixões falta a nota de espontaneidade e da sinceridade, característica na imprensa confessional. Póde-se, pois, discutir a sabedoria do gesto do chefe do governo britannico, escrevendo o artigo que escreveu para o seu jornal. Porém a phrase que pronunciou sobre este assumpto, não resta duvida, é lapidar.

A VERDADEIRA SOCIE- DADE INTERNACIONAL

A grande difficuldade para estabelecer a paz universal consiste em organizar todos os povos sob a egide de uma autoridade commum, em materia internacional, uma autoridade posta acima de todas as differenças de raças,

de linguas, de habitos, de cultura e dos prejuizos nacionalistas. A Liga das Nações constitue um grande ensaio neste sentido, que no emtanto não ha podido até hoje crystalizar sufficientemente porque não ha podido igualmente sobrepôr-se aos egoismos regionalistas dos povos que reúne em sua assembléa. E' que o problema não tem apenas uma feição objectiva a attender. Uma sociedade internacional não se póde constituir exclusivamente com as características de uma pura sociedade natural. Como ella necessita de exigir dos que a compõem uma disciplina e obediencia a mais completa ás suas decisões, necessita por este motivo de falar em nome de uma idéa mais alta que a do patriotismo e menos vaga que a de humanidade; necessita, pois, de alçar-se da ordem natural para a ordem espirital. Sobretudo, sendo sua força propriamente de natureza moral, está obrigada a buscar apoio na mais alta expressão de autoridade moral que o mundo conhece: o Papado. De resto, a unica sociedade internacional que existe hoje em dia, é a Igreja Catholica. Do seu poder associativo temos recentemente mais uma grande prova: as brilhantes solemnidades do encerramento do Anno Santo em Lourdes. Em um momento em que o mundo todo se sente desencorajado pelo temor de uma nova guerra, o Papa convoca a christandade para ir render louvores a Jesus Christo na gruta de Massabielle, e ella, obediente e pressurosa, attende ao appello do Vigario de Christo. Até os allemães ahi se apresentam, ainda que para elles a vinda a Lourdes, nas actuaes circumstancias, lhes exija o sacrificio de suas justas susceptibilidades patrioticas.

O HOMEM E A PHILOSOPHIA

PETER WUST

(Tradução de Fernando Saboia de Medeiros)

I

A CRISE DA PHILOSOPHIA EM NOSSO TEMPO

O que seja a philosophia, qual a sua significação e o seu fim, até que ponto é uma sciencia ou mesmo mais do que uma sciencia, eis uma questão sempre renovada para em seguida ser sempre novamente afastada como insolúvel. Especialmente porém a idade moderna foi collocada mais de frequente em face desta questão do que a antiguidade ou a idade media. E' facilmente comprehensivel a razão deste facto. Na antiguidade como na idade media, a philosophia possuia ainda a sua propria substancia metaphysica. A situação mudou ao surgir na philosophia da idade moderna a questão da possibilidade do conhecimento perante as questões metaphysicas do ser.

Na antiguidade e na idade media ainda se exercia a philosophia pura e simplesmente. Na idade moderna, porém, invadida a substancia da philosophia pelo scepticismo, começou-se a philosophar sobre a philosophia.

Em si e por si, de certo, semelhante transposição de themes não basta para condemnar a philosophia á esterilidade, pois a questão da possibilidade da philosophia tem não só a feição de theoria do conhecimento, mas tambem um aspecto anthropologico metaphysico. Na verdade, o problema do motivo pelo qual o homem e não o animal exerce a philosophia, póde conduzir ás mesmas profundas especulações suscitadas pela questão parallela do motivo porque o homem reza e não o animal. Segue-se logo a questão ulterior de saber porque a philosophia humana toma através dos seculos justamente essa forma de desenvolvimento tão marcadamente differente do processo mais ou menos rectilíneo de qualquer outra sciencia, sobretudo da mathematica. Justamente essas inevitaveis vacillações do "Humano" reflecti-

das no desenvolvimento da philosophia através dos seculos, podiam para logo dirigir a attenção para o facto de que mesmo o philosophar sobre a philosophia attinge um phenomeno typicamente metaphysico. Esse era, porém, exactamente o ponto atacado, nos primordios da idade moderna, pelo scepticismo antimetaphysico que privaria o novo thema "philosophia da philosophia" de sua significação propriamente metaphysica. Justamente se queria eliminar uma vez para sempre o conteudo humano informador da senda da philosophia, tão differente da senda das outras sciencias, para finalmente encaminhar, segundo o grande pensamento de Kant, a philosophia para a senda segura e real de uma sciencia rigorosa. Pelo facto, porém, de assim se querer emparelhar a philosophia, quanto a seu modo de ser, com as demais sciencias, se acolhia levianamente, talvez de modo inconsciente, a idéa de uma philosophia inhumana ou mesmo sobrehumana, por onde o sentido mais profundo da philosophia devia desapparecer.

Os escolhos das confusões originadas da nova idéa da philosophia dirigiram finalmente no decorrer do seculo XIX lentamente e por diversos caminhos os espiritos ao exame da questão da verdadeira essencia da philosophia. Desde Dilthey sobretudo, essa questão da "philosophia" se tornou cada vez mais aguda e se ainda hoje em dia a confusão no campo da philosophia apparece visivel como nunca exemplificada pela aguda opposição de Husserl e Heidegger, da philosophia absolutamente inhumana de uma parte e da philosophia demasiadamente humana baseada em especulações puramente existenciaes de outra parte, se deve talvez dizer que justamente essa confusão póde preparar o caminho a um novo esclarecimento do problema da essencia da philosophia.

II

OS DOIS POSSIVEIS EXTREMOS DA PHILOSOPHIA

Duas questões ha, especialmente, que aspiram a ser focalizadas na discussão sobre a essencia da Philosophia. Ambas concernem o caracter scientifico da philosophia. Na primeira se trata de saber se a philosophia é sómente sciencia ou se tem outra função a preencher além da scientifica. Na segunda a discussão principalmente se ventila sobre a essencia mesma da sciencia, emquanto a significação da philosophia nella se deve integrar. Na primeira questão da philosophia como sciencia e sua possível função de busca da verdade e eventualmente de thesourização da verdade, salta para logo aos

olhos a circumstancia essencial que distingue a philosophia das outras sciencias. Nas demais sciencias, exclusiva ou pelo menos primordialmente é decisivo o ponto de vista da investigação material dos conhecimentos e sua descoberta.

Uma determinada sciencia é-o somente enquanto tende a conhecimentos seguros e se esforça, permanentemente, a augmentar o capital basico dos diversos conhecimentos. Aqui e acolá pelo menos penetram as diferentes sciencias sempre mais profundamente na realidade, isto é, no conteúdo racional real da coisa, por onde se evidencia a convicção do cientista com respeito á antiga verdade ontologica. Seu desejo é descobrir conteúdos reaes objectivos e de facto os descobre aqui e acolá, como a verificação de suas theorias pela manipulação das coisas lhe pode mostrar. Não se dando, porém, a verificação absolutamente ou sómente parcialmente, o cientista jámais jura sobre suas hypotheses, mas volta sempre de novo para a realidade, convencido firmemente de que não as suas theorias e hypotheses, mas muito mais a coisa, a realidade, o elemento racional do objecto são por excellencia decisivos. Certamente ha tambem sciencias (e são no em primeira linha as sciencias do espirito, sobretudo a historia) nas quaes a descoberta da verdade depende do modo mais estreito do problema da interpretação do material offerecido, no caso especifico "dos acontecimentos". Mesmo porém nessas sciencias permanece a convicção da necessidade de se investigar e achar um conteúdo racional inherente ás coisas e aos acontecimentos. Embora surja constantemente nas sciencias um certo disequilibrio devido a novas hypotheses, no fundo se caminha avante. Nellas se não busca sómente mas se encontra, e o achado pôde pelo menos em algo ser thesaurizado como dado exacto e ser assim conservado para a tradição do saber.

Encarada, porém, a questão do sentido scientifico da philosophia e de sua posição junto das outras sciencias, logo apparece a maior confusão.

Dever-se-á affirmar evidentemente que a philosophia é sciencia. Tem de lidar exactamente como qualquer outra sciencia com a investigação da verdade e o descobrimento do "verum".

O "verum", porém, que ella procura, jaz antes de tudo em uma região totalmente differente da do "verum" visado pelas demais sciencias. Jaz na essencia profunda das coisas. Ora, logo surprehende o facto de que a philosophia por meio de sua maneira peculiar de investigação da verdade não pôde thesaurizar sem mais nem menos as suas descobertas. Em si e por si, pôde certamente tambem ella thesauri-

zar seus achados e os ha de thesaurizar, porém, o caracter de achado das suas descobertas reaes ou suppostas será constantemente posto em duvida. A consequencia é tomar a linha de sua evolução através dos seculos um aspecto semelhante ao do colear serpentino de um rio em penetrando por uma região accidentada. Mais singular ainda é a constancia desse seu aspecto proprio, mesmo em se querendo supôr que a humanidade conseguiria um dia, traçar e prolongar através dos seculos como um canal cimentado e rectilíneo da verdade effectivamente descoberta. Justamente então appareceria com evidencia a incompatibilidade do espirito humano, na construcção philosophica das idéas, com um tal canal cimentado da verdade achada uma vez por todas: elle o romperia para mais consoantemente escavar um leito de rio através do tempo progressivamente segundo maneira a elle conforme.

Exactamente a partir deste momento a philosophia da philosophia se torna um problema profundo como um abysmo. Não se trata pois agora unicamente do motivo porque o homem exerce a philosophia, mas tambem porque o roteiro de seu desenvolvimento philosophico através do tempo se outorga um aspecto tão peculiarmente voluntario e independente, de tal sorte que a historia da philosophia vem a ser tão mysteriosa quanto a propria historia da cultura humana.

Qual o fundamento desse facto peculiar? Qual razão haveria para justamente a philosophia na pesquisa da verdade jámais entrar no assim chamado caminho real de uma sciencia rigorosa, abancando, em algo pelo menos, em linha recta? Porventura nada tem a ver com a investigação da verdade e com a intuição do "verum"? Não é afinal talvez sciencia alguma? Ou é pelo contrario sciencia, mas sciencia "sui generis" por ter de abarcar não sómente com a procura da verdade como as demais sciencias, mas tambem ainda com algo mais? Com effeito, essa peculiaridade se dá com a philosophia, e a distingue das outras sciencias por tal forma que dahi vem o poder ser chamada a rainha das sciencias.

Da peculiaridade do "verum" objecto de suas pesquisas se manifesta claramente a particularidade da philosophia. Emquanto deve pesquisar a objectividade de todo o ser, segundo a profundidade de sua essencia ultima, o aspecto total da philosophia como sciencia se erige a um nivel completamente distincto. A maneira particular, porém, de sua investigação da verdade lhe confere ainda uma outra precedencia respeito da funcção scientifica das demais sciencias. Pois, justamente a sua pesquisa da verdade se apresenta simplesmente a serviço da investigação do "humano" que é e permanecerá sempre o

ultimo e o mais elevado fim de todo o desenvolvimento da cultura humana.

Emquanto o homem exerce a philosophia, busca não sómente a essencia profunda da realidade, para assim, em gelada, frieza objectiva, saber simplesmente o que existe e como é; elle investiga sobretudo essa realidade pelo motivo de, como homem, dever pesquisar a sua propria realidade original e se esforçar pela realização dessa sua realidade pessoal.

Assim pois, nos cumpre haverino-nos, na philosophia com uma dupla pesquisa da verdade, uma objectiva outra subjectiva. Nessa medida, porém, philosophar é sempre mais do que um esforço cognitivo frio, indifferente ao sujeito. Emquanto o homem exerce a philosophia, está elle obrigado a se construir a si mesmo interiormente, por onde ha mesmo o perigo de ser essa tentativa de construcção de si mesmo ameaçada constantemente pela possibilidade de uma temerosa destruição propria. Cita-se, na verdade, frequentemente a phrase de Kant dever a philosophia afastar de si a pretensão de ser constructiva, phrase essa susceptivel de um sentido muito bom. Se se quizesse, porém, concluir, como o tem feito muitos philosophos, dever a philosophia afastar-se "à tout prix" daquelle especificamente "humano" por nós acima ventilado, seria então dirigir o leme para uma philosophia absolutamente inhumana, e mais de uma vez no correr da historia do pensamento humano se patenteou escapar para logo a semelhante philosophia inhumana justamente aquillo que ella quer alcançar, isto é, o rigor scientifico externo. Por isso já disse Jacobi uma vez relativamente aos esforços de Kant: "Em creando o homem, Deus communicava uma forma divina, como em produzindo, o homem communica necessariamente uma forma humana". E' certo existir um máo anthropomorphismo que acaba em subjectivismo; existe, porém, igualmente um bom lado do anthropomorphismo: este queria Jacobi accentuar com o seu dito. Da mesma forma Fichte escrevia uma vez muito bellamente a Jacobi, falando da philosophia e de sua connexão com a vida: "Nós homens encetamos a exercer a philosophia, por soberba" — elle pensa no caso do paraizo terrestre — "e perdemos com isso a nossa innocencia. Conhecemos então a nossa nudez e desde esse momento exercemos a philosophia por necessidade para nossa salvacão".

No emtanto, o problema por nós aqui indicado é mais complicado do que póde parecer á primeira vista. Nós confrontavamos ainda ha pouco o aspecto rigorosamente scientifico da philosophia o aspecto "existencial" como nós, hoje, apoiados em Kierkegaard e Heidegger costumamos designal-o. Esta confrontação se nos fez usual na philo-

sophia contemporanea desde o momento em que Dilthey mostrava a necessidade de uma philosophia da vida em face da philosophia scientifica dos neokantianos. Pela philosophia "existencial" de Heidegger e Jaspers adquiriu hoje essa philosophia da vida o seu caracter systematico. Inmediatamente, porém, a partir dessa perspectiva historica que hoje recebe na opposição de Husserl e Heidegger a sua mais evidente expressão, reconhecemos agora como nunca o outro aspecto do problema aqui manipulado.

Querer agora inferir dahi que só o aspecto de pesquisa do "humano" é decisivo para determinar a essencia da philosophia e que portanto, em face d'elle, o outro aspecto de pesquisa da verdade não tem valor algum, seria isso cair de Szylla, em Charybdis. Na philosophia o "existencialismo" unilateral é um extremo tanto para se evitar quanto o "scientismo" unilateral. O muito citado dito de Fichte tal será philosophia que se escolhe qual o homem que a escolhe, é, seja como fôr, tão perigoso de se citar quanto profundo e mesmo verdadeiro. Se o "existencialismo" extremo o quizesse invocar deixar-se-hia imputar o cair num relativismo sem ribanceiras. Bastasse dizer que a philosophia é somente a expressão da humanidade contingente a ella adherente e nessa medida serem todas as philosophias igualmente verdadeiras e igualmente preciosas, e se escorregaria por ahi da profunda seriedade de uma philosophia verdadeiramente "existencial" para a pueril leviandade de uma philosophia que despreza a objectividade do conteudo do pensamento e confunde o seu humanismo com um humanismo exaggerado. A philosophia humana no sentido proprio jaz pois entre dois extremos, o do scientismo, inhumano e o do "existencialismo" demasiadamente humano. Pesquisa da verdade e pesquisa do "humano" são os dois aspectos correlativos da essencia da philosophia pelos quaes, de um lado ella é sciencia no sentido estricto e do outro tem uma funcção muito mais importante do que a puramente scientifica das outras sciencias. Lahi comtudo se manifesta tambem a eterna discordia intima da philosophia, isto é, de um lado o desejar entregar-se inteiramente á investigação objectiva da verdade desatada das leis de tempo, e de outro lado o ser sempre novamente arrastada para o contacto immediato com a vida feita toda dos altos e baixos de suas oscillações e lutas continuas.

Uma dificuldade especial nasce da intimidade das relações de intercambio por nós verificadas na philosophia entre os dois aspectos, da pesquisa da verdade e da pesquisa da alma humana.

Da mais intima profundidade de si mesmo deve o espirito do philosopho penetrar na mais intima profundidade da essencia das coisas.

Dest'arte acontece dever elle concentrar-se tanto em si mesmo com um genuino racionalismo metaphysico, quanto perder-se inteiramente na contemplação da alma das coisas com um empirismo totalmente casto. Esse intercambio parece quasi um paradoxo, quando se tenta apresental-o aos proprios olhos em uma formula precisa.

(Continua)

Biologia ha?

XIII

INDICE DO VOLUME XV DE "A ORDEM"

Janeiro a Junho de 1935

A

ACÇÃO CATHOLICA BRASILEIRA	487
ATHAYDE (Tristão de) — Catholicismo e Integralismo, II	5
O mesmo — Catholicismo e Integralismo, III	81
O mesmo — Clero e Laicato	153
O mesmo — Catholicismo burguez	257
O mesmo — Colligação Catholica Brasileira	345
O mesmo — Arte christã	445

B

BELTRAO (D. Gabriel) — A espiritualidade benedictina	97
BIBLIOGRAPHIA — Paginas: 72 — 141 — 249 e	428
BORGES (D. João de Seixas da Fonseca, Bispo de Areopoli) — Diario inedito, publicado por Guy de Hollanda	161
BREINER (Cristovam) — O Filho Prodigio (Poesia)	402
BOUBE'E (Pe. J.) — O 32º Congresso Eucharistico Inter- nacional	402
O mesmo — Idem, idem	414

C

CARDOSO (Leontina Licinio) — Eugenie de Guerin	87
CASEL (D. Odo — O. S. B.) — O anno liturgico	267
CERQUEIRA (João da Gama) — O casamento religioso	473

D

DIAS (Heitor Annes) — A organização da familia	219
DIAS (Publio) — Falso militarismo	59

E

FARIA (Octavio de) — Tres tragedias á sombra da Cruz	455
FERRAZ (Esther de Figueiredo) — Analysando o "Manuel Elementaire de Sociologie", de René Hubert	481
FONSECA (Antonio Gabriel de Paula) — A reforma christã da sociedade	28

G

GOMES (Maria de Lourdes) — Como pôde a Sociologia concorrer para a reforma christã da sociedade	20
GOMES (Perillo) — Registro — 69 — 137 — 244 — 322 — 400 e	492

H

HARGREAVES (H. J.) — Frederico Ozanam 208

K

KOHNEN (Frei Mansueto — O. F. M.) — A Igreja segundo a doutrina de S. Paulo 469

L

LEITE (Armando Más) — O espirito poetico do mundo moderno 109

LUMINI (D. Lourenço — O. S. B.) — O mysterio de Christo na liturgia 355

LUSTOSA (Eduardo Magalhães — S. J.) — Santuarios Platinos 128

M

MEDEIROS (Fernando Saboia de) — Da ordem militar á ordem sobrenatural 286

O mesmo — O criterio do Direito positivo 399

MENDES (Murillo) — Commentarios sobre os poemas de Ismael Nery 187

O mesmo — Idem, idem 315

O mesmo — Deante do Evangelho e Pentecostes (poesias) 479

MONTEIRO (Luiz Augusto do Rego) — A mensagem de Christo 106

MORAES (Durval de) — Plasmas (poesias) 199

MOREIRA (João da Rocha) — O mundo contemporaneo 115

N

NERY (Ismael) — Poemas 87

O mesmo — Poemas 181

NOGUEIRA (Hamilton) — Dostolewsky 385

O

OTTONI JUNIOR — A base ethica da pedagogia socialista 291

P

PENNA JUNIOR (Affonso) — O Asylo Bom Pastor 16

PIMENTEL (Mesquita) — A espiritualidade franciscana nos escriptos de S. Francisco de Assis 372

S

SA' (Paulo) — Comunista meu irmão! 177

SANTOS (Lucia José dos) — Na grande encruzilada 464

SERRANO (Jonathas) — Letras contemporaneas — 63 — 132 — 241 — 218 — 404 e 488

SOLDAN (José Maria y Paz) — Os Incas 276

T

TESTA (J. Zamarim da) — Retorno á religião 48

O mesmo — Santo Agostinho 196

O mesmo — Céu e Nirwana 390

W

WUST (Peter) — O homem e a philosophia — Trad. de Fernando Saboia de Medeiros 495

O liberalismo

de PERILLO GOMES

Prefacio de Tristão de Athayde

UM LIVRO QUE INTERESSA A TODOS

Preço 5\$000

Pedidos á
BIBLIOTHECA ANCHIETA
CAIXA POSTAL 249
Rio de Janeiro

Assignem "VIDA"

DIRECÇÃO DE FRANCISCO DA GAMA LIMA FILHO,
NELSON DE ALMEIDA PRADO, ALVARO MILANEZ
FRANCISCO DE LA ROCQUE E ALBERTO BRITTO
PEREIRA

REVISTA DE MOCIDADE E DE ACÇÃO,
— DE COMBATE E DE FE' —

Assignatura simples — anno 5\$000
Assignatura de manutenção — anno 15\$000
Estrangeiro — anno 10\$000

Caixa Postal 249 — Rio de Janeiro

Redacção — Praça 15 de Novembro 101 — 2.º andar

BIBLIOTHECA ANCHIETA

A. B. C.

Associação de Bibliothecas Catholicas

Mantem em sua séde a BIBLIOTHECA ANCHIETA que dispõe de um stock de bons livros nacionaes e estrangeiros para servir aos seus amigos desta Capital e do interior do paiz, e conta com a preferencia de todas as pessoas que tenham necessidade de adquirir qualquer obra de orientação catholica, nacional e estrangeira.

A BIBLIOTHECA ANCHIETA está em condições de fornecer livros didacticos aos collegios do interior, com a maxima presteza.

A BIBLIOTHECA ANCHIETA se encarrega de mandar vir do estrangeiro encomendas de livros (de orientação catholica) de todos aquelles que quizerem honral-a com a sua preferencia.

PRAÇA 15, 101-2.º

Caixa Postal 249

RIO DE JANEIRO

O LEGIONARIO

Quinzenario catholico com approvação ecclesiastica

DIRECTOR: PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL, 12\$000

Redacção e administração: Rua Immaculada Conceição, 5
Caixa Postal, 3471 — São Paulo — Capital

O LIVRO QUE ESCLARECE



PSYCHOLOGIA DA FE'



do P. Leonel França, S. J.

2ª ed. — Preço, 1 vol. 8\$000

Pedidos á
BIBLIOTHECA ANCHIETA
CAIXA POSTAL 249
Rio de Janeiro